

Universidade Federal de Santa Catarina

Relações Internacionais

**RELAÇÕES UCRÂNIA E RÚSSIA PÓS URSS:
IDENTIDADE E ENERGIA**

Alana Benini Luiz de França

**Florianópolis
2014**

Alana Benini Luiz de França

**RELAÇÕES UCRÂNIA E RÚSSIA PÓS URSS:
IDENTIDADE E ENERGIA**

Monografia apresentada como exigência para
obtenção do grau de Bacharelado em
Relações Internacionais da Universidade
Federal de Santa Catarina.

Orientador: Marcio Roberto Voigt

**Florianópolis
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 7,5 ao aluno(a) Alana Benini Luiz de França na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt

Prof. Dra. Graciela de Conti Pagliari

Prof. Dra. Juliana Lyra Viggiano Barroso

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre iluminou e guiou meu caminho, sem a fé e a paz que ele me traz jamais estaria onde estou hoje. Agradeço a ele também pelos pais que me deu de presente, ao pai que sempre me apoiou em todas as minhas escolhas e a minha mãe, uma mulher guerreira e batalhadora, fonte de inspiração e orgulho em todos os dias de minha vida, é pra ela que sempre irei dedicar todas as vitórias que terei em minha jornada.

Ao meu namorado, João Paulo Paludo, maior companheiro que Deus me deu, obrigada pela parceria, amor e inspiração, seu foco e apoio foram essenciais nesta caminhada, e continuarão sendo essenciais para trilhar passos futuros. A toda a minha família que sempre acreditou em mim, especialmente à querida prima Graciela Benini pela pessoa maravilhosa que foi, deixou para mim um exemplo a ser seguido e que nos deixou cedo demais.

Um muito obrigada especial ao professor orientador Marcio Roberto Voigt, por toda a atenção que recebi e toda a paciência comigo neste período. Seu conhecimento e sinceridade foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Às amigas queridas que me acompanham desde antes de vir à Florianópolis, muito obrigada pelos momentos de descontração, pela amizade e confiança. E também aos amigos que fiz ao longo da graduação em todas as experiências incríveis que ela me trouxe, vocês são parte de mim, são inspiração para eu me tornar a melhor versão de mim todos os dias e foram essenciais para a conclusão de mais uma etapa na minha vida, muito obrigada.

RESUMO

O ano de 2014 trouxe à tona os conflitos políticos, econômicos e ideológicos entre Ucrânia e Rússia que vêm acontecendo desde a dissolução da URSS. Assim, este trabalho busca fazer uma análise das origens das constantes ruzgas entre russos e ucranianos, estudando principalmente a influência dos recursos energéticos nesta relação e na política externa de ambos os países, visto que tais matérias energéticas são fundamentais para o crescimento econômico russo, e frequentemente utilizadas como ferramenta geopolítica na concretização de seus objetivos na política externa. Outro fator crucial para compreender a complexa relação entre Ucrânia e Rússia é a formação da identidade nacional ucraniana, que vê sua história e cultura se mesclar com a cultura russa, embora historicamente busque sua independência e liberdade política e cultural, se distanciando da Rússia e se aproximando cada vez mais da Europa ocidental. Desta forma, a presente crise que iniciou no fim de 2013 mostrou a divisão existente na população ucraniana, e a busca pelo reconhecimento de sua autonomia nacional, bem como o amadurecimento de suas instituições governamentais, visto que o país possui apenas 23 anos e esta divisão está presente não só na população, mas também no congresso.

Palavras-chave: Ucrânia – Rússia – Recursos energéticos – Identidade - Conflito

ABSTRACT

The year of 2014 brought to the fore the political, economic and ideological conflict between Ukraine and Russia that have been going on since the dissolution of the URSS. Thus, this paper seeks to analyze the origins of the constant conflicts between the two countries, mainly studying the influence of energy resources in this relationship and foreign policy of both countries, since these energetic materials are crucial for Russia's economic growth and often used as a geopolitical tool in achieving their goals in foreign policy. Another crucial coefficient to understand the complex relationship between Ukraine and Russia is the formation of Ukrainian national identity, which sees its history and culture attached with Russian culture, although historically seeks its independence and political and cultural freedom, away from Russia and closer to Western Europe. So, the present crisis that began in the end of 2013, showed the hedge in the Ukrainian population, and the search for recognition of their national autonomy and the matureness of their governmental institutions, as the country has only 23 years and this division is present not only in population but also in congress.

Keywords: Ukraine – Russia – Energy resources - Identity - Conflicts

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 HISTÓRIA E INDEPENDÊNCIA DA UCRÂNIA.....	10
2.1 QUATRO LEITURAS DO PASSADO	10
2.1.1 Escolas Russófila e Sovietófila	14
2.1.2 Escola Ucrano-fila	15
2.1.3 Escola dos “Eslavos Orientais”	16
2.2. INDEPENDÊNCIA DA UCRÂNIA	18
3 OS RECURSOS ENERGÉTICOS DE RÚSSIA E UCRÂNIA.....	22
3.1 A política energética russa	22
3.2 O papel da Gazprom	23
3.3 A Geopolítica dos oleodutos	26
3.4 Identidade nacional e política na Ucrânia.....	28
3.4.1 A Russificação da Ucrânia	30
3.5 Conflitos entre Ucrânia e Rússia no Pós-URSS	31
4 POLÍTICAS EXTERNAS DE RÚSSIA E UCRÂNIA.....	36
4.1 A Questão Nuclear	36
4.2 Ucrânia, Rússia e OTAN	37
4.3 Da crise à anexação da Criméia em 2014	40
4.4 Implicações da Crise para as Relações Internacionais.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
APÊNDICE	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

1 INTRODUÇÃO

Quando ocorre o fim da URSS e a declaração de independência da Ucrânia, inicia-se uma nova ordem no leste da Europa, onde a instabilidade era esperada devido à falência da autoridade central soviética, fazendo com que os conflitos de interesses fossem cada vez mais emergentes. Com o governo Putin, a Rússia enfraquecida após a dissolução do império soviético, voltou à posição central no leste, devido a sua extensão territorial, tamanho de sua população e importância militar.

Esta nova ordem pós-soviética trouxe diversos desafios a serem enfrentados pelos Estados que antes foram Repúblicas Socialistas, como: criar instituições e legislações estatais próprias, economia nacional própria, além de estabelecer relações que antes eram inexistentes no âmbito internacional. A Federação Russa se destaca neste processo, pois mesmo com o fim de seu status de superpotência comunista, permaneceu com um enorme território e vastos recursos naturais, sobretudo energéticos, além de possuir a maior economia e exército dentre os países pós soviéticos. Isto, aliado ao foco do governo em retomar seu papel, possibilitou ao país retornar ao posto de grande potência.

Entretanto, a relação entre Rússia e tanto Ucrânia quanto Belarus é vista de forma especial pois compartilham a origem eslava oriental, e tem um passado comum, resultando na proximidade cultural entre ambos os países, como se verá a seguir e no desenvolvimento do trabalho.

As questões de identidade se mantiveram presentes na relação dos dois países mesmo após o status de país independente adquirido pela Ucrânia, devido ao seu passado compartilhado. O que contribui para esta percepção é o fato de 25% da população ucraniana ser de etnia russa e de 50% da população do país falar russo como primeira língua. Além disso, segundo Fabiano Mielniczuk (2006), algumas disputas envolvem também as aspirações de autonomia das antigas repúblicas, que passam a enxergar a Rússia como sucessora da União Soviética no papel de opressor.

O mais recente episódio de conflito entre os dois países, iniciando uma crise que vêm se arrastando desde o final de 2013, resultou na anexação da região da Criméia, cuja população é de maioria russa, ao território russo. Tal fato resultou no afloramento de sentimentos nacionalistas, e gerou no território ucraniano uma divisão da população entre os que são pró-Rússia e pró-Ucrânia.

As questões envolvendo os recursos energéticos da região também têm sido bastante

polêmicas, pois os dois países acabam sofrendo com a interdependência, mesmo que em graus diferentes para cada um, onde de um lado a Ucrânia é refém do fornecimento russo que corresponde a 70% do petróleo e 90% do gás natural consumidos, e de outro lado a Rússia também possui interesses em comum já que grande parte de seus gasodutos que abastecem a Europa passam pela Ucrânia. Atualmente a Rússia vêm empreendendo outras formas de enviar o gás para a Europa, como o gasoduto *Nord Stream* que passa pelo mar Báltico, chegando à Alemanha, e também a o projeto de construção de um gasoduto submarino até 2016, o *South Stream*.

O distanciamento entre os dois países vêm ocorrendo devido aos jogos de poder estabelecidos desde a dissolução da União Soviética e de conflitos relacionados à identidade nacional, a Ucrânia veio se distanciando da Comunidade dos Estados Independentes (CEI)¹ liderada pela Rússia – que tem como característica também as disputas entre os estados membros e o não cumprimento dos acordos escritos, devido às diferenças étnicas e regionais entre os países -, e se aproximando cada vez mais da Europa Ocidental através da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Segundo Elói Martins Senhoras (2009), o corte de fornecimento de energia russa à Ucrânia, e o aumento das taxas de passagem de gás exportado para a Europa pelo território ucraniano têm sido políticas de caráter cíclico que definem um padrão conflituoso da interdependência entre ambos os países. Esta situação energética conflitiva no leste europeu acaba transbordando para o restante da Europa, que mesmo sendo um bloco economicamente forte acaba sendo refém da falta de diversificação de suas fontes energéticas ou de gasodutos que sejam alternativos aos monopolizados por Moscou e Kiev. A Rússia é o maior fornecedor de gás natural da Europa, consumindo 70% do petróleo e 65% do gás exportado pela Rússia, mas a crise entre ambos vêm fazendo com que a Europa estude outras alternativas de energia, como o Gás de xisto dos EUA, os recursos vindos do Catar e Argélia, onde a Argélia é o terceiro maior fornecedor de gás para a Europa, e também a energia eólica pois espera-se que até 2030, cerca de 30% da energia consumida entre os europeus venha do vento.

Esta diversificação das fontes de energia, são necessárias também para evitar o a alternativa de energia nuclear, pois um terço da energia consumida na Europa vêm de usinas nucleares, e após o acidente em Fukushima no Japão, em 2011, os cidadãos europeus vem protestando pedindo o fechamento de reatores. A Rússia também segue sendo o principal fornecedor desta

¹ A CEI é um bloco político-econômico criado em 1991, que reúne 12 das 15 repúblicas que formavam a antiga União Soviética (URSS). Os países membros são: Armênia, Belarus, Cazaquistão, Rússia, Moldávia, Quirquístão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia, Uzbequistão, Geórgia e Azerbaijão.

matéria prima para a Europa, e o presidente da empresa estatal nuclear russa Rosatom, Serguei Kiriienko, já ameaçou a Europa de cancelamentos de contratos devido às medidas tomadas contra o governo russo, o que reitera ainda mais a importância de a Europa diversificar suas fontes de energia.

Desta forma, o presente estudo trata da relação entre Rússia e Ucrânia nesse contexto. Investigando a origem da construção da identidade de ambos os países a partir do fim da URSS, o papel crucial que os recursos energéticos desempenham nesta relação de interdependência entre Moscou-Kiev, e o levantamento das relações entre ambos os países após a crise iniciada em 2014.

A partir disso o objetivo central deste trabalho é compreender os conflitos de identidade entre ambos os países, desde a queda do império soviético, e a influência dos recursos energéticos nos conflitos envolvendo Rússia e Ucrânia, formulando o seguinte problema de pesquisa: Levando em consideração o histórico de conflitos geopolíticos e econômicos entre Ucrânia e Rússia, qual a importância da identidade nacional e o papel dos recursos energéticos na relação entre ambos os países?

Assim, primeiramente irá se apresentar o histórico de formação de ambos os países, desde a formação do império Russo até a independência da Ucrânia em 1991, e apresentando também, diferentes visões da trajetória de formação do Estado Ucrâniano que gera muitas controvérsias devido ao seu passado comum com a Rússia. Na segunda parte, o presente trabalho irá traçar um panorama dos recursos energéticos da região e as políticas utilizadas no uso destes recursos. Além de melhor compreender a formação da identidade nacional ucraniana e os conflitos envolvendo Rússia e Ucrânia, desde o fim da URSS e a independência ucraniana. O terceiro capítulo, por sua vez, irá tratar da política externa dentre ambos os países, estudando a questão nuclear e o envolvimento com a OTAN, a recente crise envolvendo Rússia e Ucrânia, que resultou na anexação da Criméia à Rússia, e as implicações da crise para as relações internacionais.

2 HISTÓRIA E INDEPENDÊNCIA DA UCRÂNIA

2.1 QUATRO LEITURAS DO PASSADO

Há diversas versões sobre a história da Ucrânia e de acordo com Taras Kuzio, é possível identificar quatro leituras sobre o passado do país, são elas: (1) Russófila – também conhecida como da “Rússia Imperial”; (2) Sovietófila; (3) Eslava Oriental (*Eastern Slav*); e (4) Ucranófila. Assim, o autor identifica “escolas” distintas, que não representam necessariamente uma organização entre teóricos e pesquisadores, mas sim a reprodução de determinado grupo de ideias e interpretações em certo período histórico e região geográfica (EDLER, 2011).

Sobre as diferenças entre estas escolas, a principal delas é a percepção sobre o *status* de Kievan Rus – “país” eslavo que controlou grandes porções de terra no leste europeu entre os séculos IX e XIV - e seu legado para os povos da região. Este é um ponto fundamental, pois três das principais nações que habitam o local – ucraniana, russa e bielorrussa – tem nesta comunidade política seu “mito fundador” (BURANT, 1995). Há grande controvérsia sobre o que realmente foi o Kievan Rus, enquanto alguns historiadores afirmam que se tratava de um verdadeiro império cuja influência contribuiu inclusive para a queda do Império Bizantino, outros ignoram qualquer organização mais complexa desta comunidade, afirmando que não passava da união de diversas tribos para fins de defesa contra inimigos em comum (WILSON, 2000). Este desentendimento é resultado também do apagão histórico ocorrido por anos, onde o governo soviético proibiu qualquer visão dissidente sobre o passado, pois havendo uma história oficial, não era necessário o investimento em pesquisas de campo, assim, há poucos vestígios físicos confiáveis do surgimento do Kievan Rus.



Figura 1: Mapa Kievan Rus

Fonte: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/317574/Kievan-Rus>

O domínio dos povos tártaros sobre os russos durou cem anos mais do que o exercido sobre ucranianos e bielorrussos, e em 1480 após se livrar do domínio estrangeiro, Moscou empreendeu conquista dos territórios russos que havia perdido. Esta expansão representou além de uma mera expansão territorial, grande prestígio, onde tanto o patriarca residente em Moscou quanto o príncipe de Moscou passaram a incluir em seus títulos oficiais o de “soberano de toda a Rus”, frase que foi comum e perversamente mal traduzida para “de todas as Rússias” (HINGLEY, 2003).

Em 1547, Ivan IV, dito “o terrível”, exigiu ser coroado como czar (do latim *caesar*), reunindo na sua pessoa o título de Eleito por Deus, o que legitimaria a imposição de uma política absolutista, bem como a autocracia ortodoxa em Moscou (ADAM, 2008). A década de 50 do século XVI então foi considerada como o marco inicial para a expansão imperial russa, onde Ivan IV derrotou e conquistou os reinos tártaros de Astrakhan e Kazan. Esta conquista foi um marco pois estes foram os primeiros Estados islâmicos a ficarem sob os domínios de Moscou,

revertendo uma lógica de trezentos anos de invasões islâmicas sobre o território russo.

Estas vitórias trouxeram para a Rússia o desejo também de se aproximar da Europa, resultando em batalhas com a Lituânia, Polônia e Suécia. O fato de guerrear em mais de uma frente, ocasionou sucessivas derrotas russas, até a assinatura do tratado de paz de 1583, cujo teor era muito desvantajoso para Moscou, pois o czar teve que ceder para a Polônia e Suécia, territórios da Rússia sobre o Golfo da Finlândia e Livônia, ao longo da costa do Báltico (ADAM, 2008).

Uma união formal realizada entre Lituânia e Polônia trouxe um novo poder ao cenário, onde a Polônia realizou forte influência na Ucrânia através de tentativas de imposição cultural, linguística e principalmente religiosa, ameaçando a religião independente ortodoxa ucraniana para a ampliação da igreja católica polonesa.

A defesa da Igreja Ortodoxa de Kiev gerou três facções com posicionamentos distintos. Uma primeira pediu auxílio aos russos contra os poloneses, mas mais em termos religiosos do que étnicos, uma segunda facção utilizou a mesma tática do catolicismo e desenvolveu uma espécie de contrarreforma na Ortodoxia de Kiev, misturando elementos da Igreja Ortodoxa com um quase protestantismo, o que afastou o ramo ortodoxo ucraniano da Igreja de Moscou, reforçando, com isso, a incipiente separação identitária entre as duas nações. O terceiro grupo a reagir ao catolicismo polonês era formado pelos cossacos² ucranianos, cujas tribos estavam localizadas no lado leste da corrente do rio Dnieper, ao sul de Kiev (ADAM, 2008).

Os cossacos tem grande influência na construção da identidade ucraniana como uma nação separada da Rússia. Entretanto, naquela época eles não eram identificados por defenderem uma nação ucraniana, mas sim, pela sua aversão à forma de dominação polonesa, bem como seu anti catolicismo. A influência polonesa acarretou um temor por parte dos cossacos de serem transformados em servos, o que os impulsionou a exigir do governo da Polônia o título de nobres, o que evitaria a perda de suas terras. Como não foram atendidos em suas demandas, os cossacos passaram a desafiar a autoridade do Estado que os dominava, e em 1648 com amplo apoio da população ucraniana, irromperam em revolta armada, resultando na conquista de Kiev e porções a oeste da cidade, além de territórios que hoje pertencem à Polônia.

O quase-Estado que se formou a partir das vitórias dos cossacos foi batizado de “*Hetmanato*”, mas, com os iminentes contra-ataques, os líderes do Hetmanato concordaram em se submeter à soberania do czar russo Alexei Mikhailovich, resultando na assinatura do Tratado de Pereyslav, em 1654.

² A palavra “cossaco” vem do russo *kazak*, que quer dizer “aventureiro” ou “homem livre”, termo também utilizado para designar os soldados que serviam no exército do czar da Rússia, principalmente na cavalaria

Os cossacos se dividiam em dois principais grupos étnicos: os cossacos zaporojianos, que habitavam as estepes da Ucrânia; e os cossacos russos, das regiões fronteiriças do Principado de Moscúvia (sediado em Moscou). Na figura 2 está o mapa de expansão do território russo para melhor ilustrar:

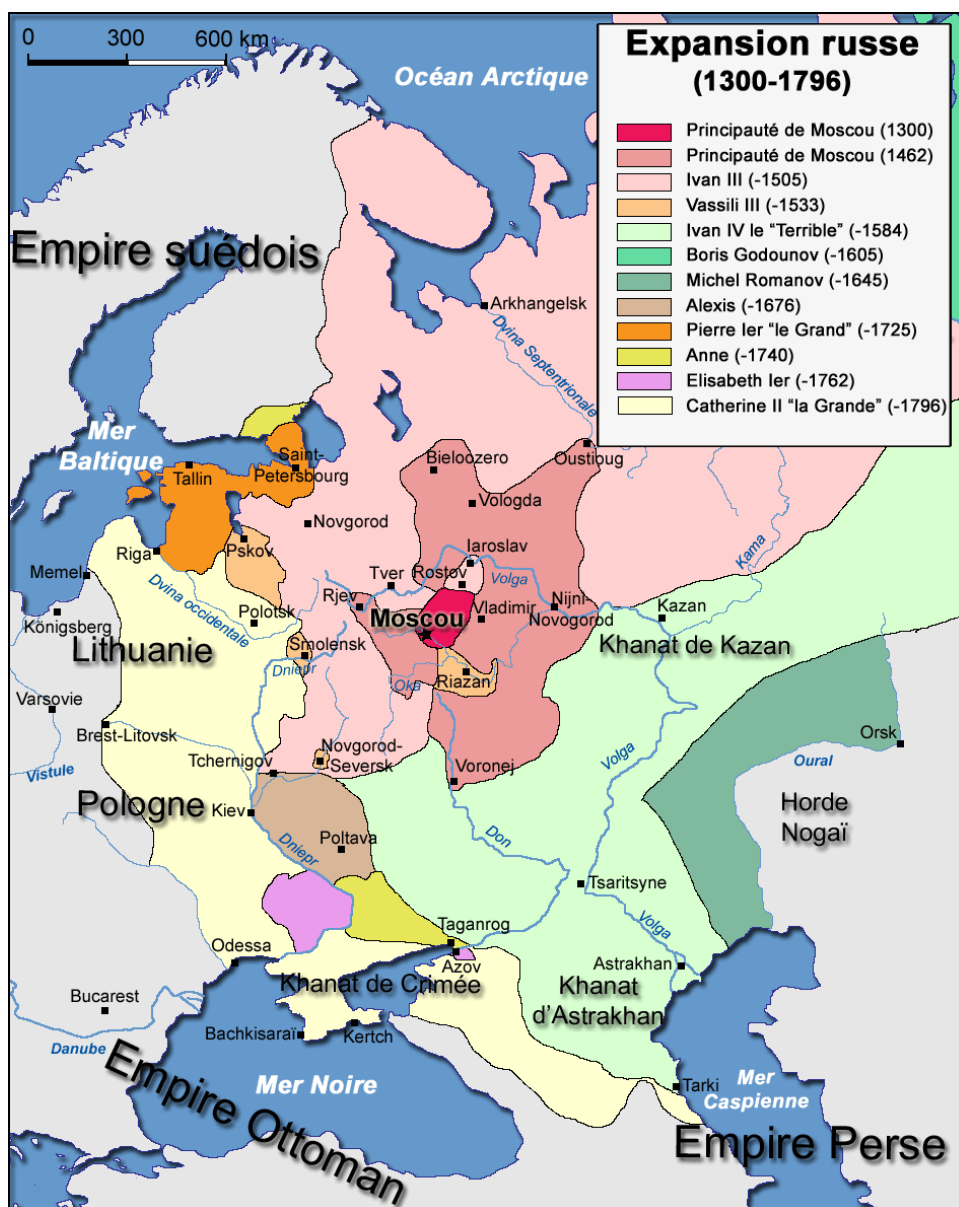


Figura 2: Expansão da Rússia

Fonte: http://dic.academic.ru/pictures/wiki/files/82/Russie_1300_1796.png

Há duas visões sobre o Tratado de Pereyslav, alguns pesquisadores afirmam que este celebrou a reunião de dois povos que haviam sido separados com o fim de Kievan Rus, e outros que defendem a visão de que o tratado foi uma união provisória entre as comunidades políticas cossacas e os russos e que visava a proteção em relação aos invasores mongóis (WILSON, 2000).

Uma discussão política mais aprofundada está intrínseca pois reflete nas percepções atuais

sobre a independência da Ucrânia, o Tratado de Pereyslav for visto como a reunião de povos que surgiram no mesmo berço, ele pode representar o caminho natural de uma nação em busca de retomar os antigos laços. E por outro lado, se o tratado for visto apenas como uma aliança militar articulada com um fim específico, os séculos nos quais os ucranianos foram mantidos sob o jugo de Moscou podem ser interpretados como um período de tirania, sendo a independência a representação da liberdade de uma nação (KUZIO, 2006).

2.1.1 Escolas Russófila e Sovietófila

A escola Russófila emergiu ainda no período dos Czares, no final do século XVIII, e se manteve como a principal visão acerca da história da Ucrânia até a queda do regime imperial. A Revolução Comunista proporcionou uma mudança significativa nos estudos históricos mas esta perspectiva não sumiu por completo, reaparecendo, com algumas mudanças, no final do século XX. Segundo Edler (2011), atualmente, apesar de não estar restrita à Rússia, pois pesquisadores de outros países ainda seguem seus postulados, esta visão não tem muita representatividade russa, pois apesar de colocar a Rússia em uma posição acima da Ucrânia, esta visão é bastante impositiva e não reconhece as identidades nacionais dos Estados eslavos.

De acordo com esta historiografia, os ucranianos e bielorrussos só surgiram como povos autônomos após a queda de Kievan Rus, no final do século XIV, sendo algumas das tribos que buscaram proteção junto ao principado de Vladimir Suzdal, um dos principais principados que sucederam a Rússia Kievana como o mais poderoso estado eslavo oriental no final do século XII. Assim, os ucranianos são vistos, como uma “nação hesitante”, que busca união com os irmãos mais poderosos do norte, como ocorreu em 1654 com o Tratado de Pereyslav.

Por um longo período a escola Russófila se manteve como a principal visão acerca da história ucraniana, entretanto, sucumbiu academicamente junto com o regime czarista, pois um novo modelo de sociedade exigia um novo homem soviético.

Com o domínio de Moscou a partir da década de 30 do século XX, a ordem era fortalecer a união, e para isso, foi posta em prática uma política de “destruição” de diferentes nacionalidades, favorecendo o crescimento de uma identidade única em todo o território. Assim, a trajetória do povo ucraniano foi recontada e deixada de ser vista de forma autônoma, sendo parte integrante da história do “grande povo soviético”.

Surge então a escola soviético-fila, que se diferencia da anterior por abrir espaço para o reconhecimento de diversas nacionalidades eslavas. Segundo esta teoria, a Ucrânia sempre foi

uma espécie de “irmã menor”, nunca tendo se consolidado como nação ucraniana de fato, e que os momentos em que os ucranianos experimentaram a independência foi para se aproximar da “família eslava” e se proteger dos demais povos da região. Assim sendo, esta escola avança uma narrativa que fortalece os laços entre ucranianos, russos e bielorrussos, eliminando a possibilidade de construção de qualquer alteridade entre eles (JANMAAT, 2007).

A escola soviétófila é amplamente criticada por não se apoiar em evidências históricas, mas sim na imposição estratégica do governo de Moscou, mas ainda assim se espalhou pelo território soviético e foi a versão contada nas escolas por quase 60 anos.

2.1.2 Escola Ucranófila

Esta escola surgiu no início do século XX com intelectuais nacionalistas do oeste do país, que até hoje é a região que mais se aproxima desta linha de pensamento. Durante este período sua relevância acadêmica foi bastante reduzida, porém, alguns destes professores e pesquisadores conseguiram ocupar algum espaço na sociedade, sendo sua expressão máxima, a liderança de Mykhailo Hrushevskyi no movimento nacionalista de 1917.

Após a independência, Hrushevskyi se tornou o primeiro presidente do novo Estado ucraniano (EDLER, 2011). No entanto, este movimento logo sucumbiu às pressões de Moscou e a onda nacionalista teve fim. A escola ucranófila ainda teve aceitação durante os primeiros anos do regime comunista, quando seu regime político ainda permitia a promoção de “particularidades regionais” e a reprodução da identidade ucraniana. Entretanto, após a década de 1930, esta versão sobre a história da Ucrânia passou a ser censurada, sobrevivendo apenas através da diáspora ucraniana, principalmente nos Estados Unidos, mas não foi capaz de concorrer com a abordagem histórica soviética (KUZIO, 2005). A Diáspora Ucraniana aconteceu principalmente a partir de 1880 com a reforma agrária, onde aproximadamente 1.2 milhões de ucranianos emigraram para os Estados Unidos, Ásia e Europa.

Vic Szatewich, autor do livro *The Ukrainian Diaspora* (2003), defende que a diáspora ucraniana se distingue das outras pois trata-se de um movimento de emigração em massa, disperso por vários países e também pois é difícil de ser generalizado, uma vez que se trata de um movimento migratório que leva mais de um século e que se encontra espalhado por vários países.

Segundo os pesquisadores da corrente ucranófila, a nação ucraniana já existia mesmo antes da formação do império de Kievan Rus, sendo a primeira nação eslava. E de fato, pesquisas de

campo, levaram a descobertas de vestígios dos povos que habitavam a região há mais de dois mil anos. Estes vestígios, segundo os ucranófilos, pertencem a tribos que já possuíam algumas características dos ucranianos e remontam, portanto, a um passado longínquo deste povo (WILSON, 2000).

Esta escola ainda afirma que com o fim do Kievan Rus, o centro político da região não passou para Vladimir-Suzdal, mas sim para Galícia-Volyna, reino mais próximo da Polônia e da Áustria. Posteriormente, esse reino se dividiu entre o império polonês-lituano e o Hetmanato da Ucrânia, comunidade política cossaca. Assim, ao invés de estar ligada à Rússia, a nação ucraniana habitava outras regiões, onde desfrutava de bastante autonomia. Já no século XVII, bastante enfraquecido por invasões estrangeiras, o Hetmanato cossaco buscou auxílio do Czar russo, celebrando o Tratado de Pereyslav. Este, segundo os ucranófilos, mencionava apenas uma união estratégica que pudesse combater militarmente outros povos. No entanto, os cossacos teriam sido traídos pela Rússia, perdendo sua independência poucos anos depois da celebração do tratado (WILSON, 2000).

A versão ucranófila subverte a noção de que os russos seriam os “irmãos mais velhos” do povo eslavo, cabendo este posto aos ucranianos. De fato como afirmou o ex-ministro da educação, Vasyl Kremen, “é ilógica esta teoria de Moscou ser o ‘irmão mais velho’, uma cidade que só realizou o seu 800º aniversário em 1997, enquanto Kiev, em contraste, realizou o seu aniversário de 1500 anos em 1982, assim, Kiev seria pelo menos duas vezes mais antiga que Moscou” (KREME citado por, KUZIO, 2005). Há ainda a afirmação de que a união com os russos não se deu de forma natural, por uma busca dos ucranianos, e sim pela traição do Czar. Assim, a independência de 1991 seria um passo lógico, levando uma nação forte a retomar os rumos da própria história (EDLER, 2011).

Esta é a versão que domina o sistema educacional ucraniano, onde os novos livros didáticos apresentam apenas esta leitura da história do país, reproduzindo a ideia de uma grande e antiga nação, capaz de suportar séculos de tirania russa.

2.1.3 Escola dos “Eslavos Orientais”

Esta escola contesta a comunidade acadêmica dos ucranófilos, e segundo Edler (2011) ao contrário das demais não encontra coesão pelas suas análises dos fatos em si, mas sim, a partir das críticas à falta de objetividade das demais. Assim, busca demonstrar a existência de diversos povos com culturas e identidades diferentes, reconhecendo a singularidade, autonomia e espaço

de cada um deles (KUZIO, 2005).

Os pesquisadores desta escola adotam uma posição mais moderada, entre as interpretações dos ucranófilos e russófilos, resultado da ligação das regiões leste e sul da Ucrânia com a Rússia. A população destes locais tem laços com as duas nações e representa um arranjo identitário capaz de unir de forma “harmoniosa” características de ambas. Atualmente estas regiões são protagonistas de conflitos envolvendo identidade russa e ucraniana, assim, vê-se que esta região já não enfrenta mais de forma tão harmoniosa estas diferenças culturais como se via há alguns anos atrás.

Desta forma, o que distingue os eslavos orientais das demais escolas é a interpretação acerca do peso político de Kievan Rus, onde os eslavos orientais são mais moderados em suas análises, afirmando que a Kievan Rus era apenas uma união intermitente entre as diversas tribos que habitavam a região com poucas características em comum. Assim, esta escola não vê em Kievan Rus o surgimento do povo ucraniano ou do povo eslavo, mas sim uma comunidade política fraca e pouco cobiçada pelos vizinhos. Desta forma, seria impossível definir a existência de um “irmão mais velho”, ou de uma “nação hesitante”. (WILSON, 2000)

Todas as escolas de pensamento possuem posições fortes e convicções de suas tradições e história, onde as primeiras escolas, russófila e soviétófila, acreditam que a Ucrânia não passa de “um irmão mais novo” da Rússia, tendo se desenvolvido após o apoio russo e reconhecendo o país como parte da Rússia, sem uma identidade ou cultura própria. A linha de pensamento ucranófila, por outro lado, nega a visão de que a Rússia seria o irmão mais velho ucraniano e coloca a Ucrânia como nação independente com identidade própria desde sua formação, sendo inclusive mais antiga que a nação russa, e ainda acredita que a união da Ucrânia com a Rússia não se deu de forma natural como explica a linha de pensamento anterior, e sim por uma traição do Czar que levou à união dos dois territórios. Sendo assim, a independência da Ucrânia em 1991 foi o resultado natural de uma nação que se diferencia da Rússia e tem sua própria identidade. A escola dos eslavos orientais por sua vez, apresenta caráter moderado, colocando a união de ambos os países e a formação do Kievan Rus como uma simples união política de países enfraquecidos e com características diferenciadas, onde não há uma nação que seja predominante à outra.

As semelhanças culturais entre ambos os países são inegáveis e a convivência de ambas as nacionalidades no Estado ucraniano é a prova disso, embora atualmente essa convivência não seja tão harmoniosa nas regiões de maioria russa. O sentimento ucraniano, que é a maioria entre os jovens do país, é de que a Ucrânia possui sua própria identidade e que quer sair da sombra

da Rússia, e esta diferenciação de pensamento de fato existe, senão o país não estaria dividido como está atualmente.

Atualmente, os recentes acontecimentos envolvendo Ucrânia e Rússia, causaram choque na população, mesmo nos que eram mais harmoniosos com relação a identidade de ambos os países, e fez aflorar na população tanto sentimentos nacionalistas ucranianos, quanto russos, o que se vê nos depoimentos colhidos em anexo, onde um país que antes vivia em harmonia com as diferenças russas e ucranianas que existiam, hoje vivem uma guerra interna, não somente entre o Estado russo e Estado ucraniano, onde quem fala ucraniano é visto com maus olhos pelos que falam russo e vice versa.

2.2. INDEPENDÊNCIA DA UCRÂNIA

O descontentamento do povo Ucraniano com o governo de Moscou começou a vir à tona quando houve o desastre de Chernobyl, quando uma usina nuclear localizada em solo ucraniano explodiu, e levou o povo às ruas para manifestar-se contra a incompetência do governo russo. Mas foi só em 1988 que os movimentos nacionalistas ucranianos ganharam força e surgiram mobilizações populares contra o controle soviético, mesmo período em que houve o movimento pela autonomia das repúblicas bálticas.

Andrew Wilson elenca quatro correntes de oposição ao Partido Comunista na política da Ucrânia no período. Duas eram de menor expressão; o sindicato dos mineiros do Donbas e a Plataforma Democrática. As outras forças, quais sejam, a União Ucraniana de Helsinque, formada por ex-prisioneiros do regime, e o Movimento de Apoio Popular à Perestroika eram identificadas com o nacionalismo, onde este último ficou conhecido como Rukh. (WILSON, 2002).

O Rukh deu uma demonstração de força na região ocidental da Ucrânia antes das eleições parlamentares de 1990, reunindo um milhão de pessoas que deram as mãos de Lviv a Kiev. Entretanto, este apoio maciço não foi suficiente para garantir a vitória no pleito, colocando os comunistas novamente à frente nas eleições. Em termos regionais, as províncias ucranianas ocidentais que estiveram fora do controle russo e soviético até a II Guerra Mundial votaram em favor do Rukh, enquanto o sul e o leste da república, mais industrializados e de maioria russa, votaram nos comunistas (WILSON, 2005).

Segundo Adam (2009), o referendo convocado por Gorbachev para março de 1991 não sofreu boicote na Ucrânia, todavia, não se restringiu à pergunta formulada pelo governo

soviético, a qual versava sobre a possibilidade de se fundar uma nova federação, baseada na igualdade entre as repúblicas, nas liberdades e nos direitos humanos. Foi perguntado também se dentro de uma eventual nova organização, a Ucrânia deveria ser uma entidade soberana, o que aproximaria a instituição de uma união entre Estados, afastando-a do federalismo.

O resultado do referendo foi ambíguo, onde 70,5% dos ucranianos votaram pela construção de uma nova instituição federativa, e 80,2% dos votantes manifestaram o desejo de soberania para a Ucrânia. Apesar do resultado indefinido, os resultados com relação a soberania da Ucrânia inflamaram entre os ucranianos o sentimento de nacionalismo.

Uma tentativa de golpe, fracassada por parte do Estado conservador em 1991, fortaleceu ainda mais o Rukh, e com a repercussão negativa, os deputados comunistas abandonaram seu partido na Rada³ Ucraniana, filiando-se a movimentos independentes. A partir daí, os nacionalistas se fortaleceram e convocaram uma votação especial no parlamento, referente à independência da Ucrânia. No parlamento a vitória dos nacionalistas foi unânime, trezentos e quarenta e seis votos aprovando a independência, contra apenas um contrário. Um referendo popular então decidiu pela independência de seu país, com a maioria de 90,3% de votos a favor, e no mesmo dia, o ex-membro da URSS Leonid Kravchuk⁴, foi eleito o primeiro presidente ucraniano, com 61,6% dos votos (WILSON, 2005).

Um dos maiores acontecimentos do complexo formado pelas ex-repúblicas soviéticas foi a Revolução Laranja, em 2004, que pode ser vista como um paradigma das divergências regionais e identitárias da política ucraniana e dos efeitos destas nas relações exteriores do país (ADAM, 2008).

Os movimentos revolucionários começaram quando ocorreu uma fraude nas eleições presidenciais de 2004. No primeiro turno do pleito, o candidato opositor Viktor Yushchenko, apoiado por uma coalizão que defendia uma maior aproximação ucraniana com as potências ocidentais, recebeu 39,9% dos votos. Seu adversário, Viktor Yanukovich, primeiro ministro de Kuchma⁵ que advogava pelo estreitamento de laços com a Rússia, recebeu 39,3% dos votos. As pesquisas dos institutos ucranianos de opinião apontavam vitória de Yushchenko no segundo turno. Após a eleição de 21 de novembro, Yanukovich foi declarado vencedor com 49,5% dos votos contra 46,6% de seu adversário (WILSON, 2005).

³ Nome oficial para se designar o parlamento ucraniano.

⁴ Primeiro presidente a assumir o poder após a independência da Ucrânia, governou entre 1991 e 1994, tinha posição moderada e diplomática, evitando posições inflexíveis e agradando a conservadores e reformistas, buscando fortalecer a soberania ucraniana e a aproximação com o ocidente.

⁵ Presidente da Ucrânia de Julho de 1994 a Janeiro de 2005.

O resultado surpreendente logo foi atribuído a ocorrência de fraude eleitoral no leste do país. Nesta região, foco do apoio à Yanukovich, a presença de votantes no segundo turno foi muito superior à média nacional (80,9%). A maior evidência de irregularidades aconteceu em Donetsk, onde compareceram para votar 96,7% dos eleitores registrados (destes, 96,2% votaram em Yanukovich), ao passo que no primeiro turno, os votantes na província não ultrapassaram 78,1%. Na região de Donbas, de um turno para outro, o acréscimo de votos de Yanukovich passou de um milhão, diferença que lhe garantiu a vitória (ADAM, 2008).

Mesmo sendo iminente a ocorrência de fraude nas eleições daquele ano, a Rússia reconheceu o resultado das eleições, posição contrária adotada pelos países ocidentais, e então, no dia 22 de novembro de 2004, teve início o movimento popular que ficou conhecido como Revolução Laranja⁶.

Com o movimento ganhando cada vez mais popularidade, as potências ocidentais deslocaram políticos para exigir um novo pleito, entre eles, a então Secretária de Estado dos Estados Unidos, Condoleeza Rice. Assim, em 3 de dezembro o pleito foi anulado, e uma nova votação foi marcada para o dia 26 daquele mês. Neste pleito, Yushchenko saiu vitorioso com 51,8% dos votos contra 44,1% de Yanukovich.

Entretanto, o candidato eleito Yushchenko que ocupou a presidência do país, entre 2005 e fevereiro de 2010, acabou decepcionando a população, por não cumprir suas promessas eleitorais e enfraqueceu seu partido, que atualmente ocupa posição marginal no cenário político ucraniano. Suas principais bandeiras durante a eleição eram menos corrupção, mais progressos sociais e um curso definitivamente pró-Europa. Porém, nada disso ocorreu, pois Yushchenko se aliou a oligarcas e a um aparelho estatal corrupto, além de diminuir a liberdade de imprensa e das ONGs atuantes no país.

A Revolução Laranja muito tem a nos mostrar sobre a situação política ucraniana, a formação de sua identidade nacional e de sua relação com a Rússia. Esta foi o marco do surgimento da sociedade ucraniana como ator político de peso, como está sendo visto também na crise enfrentada atualmente, passando uma noção de identidade nacional muito mais coesa do que a identidade polarizada de leste e sul. Isto foi o que proporcionou o acontecimento da revolução, pois apenas as províncias do oeste não sustentariam o movimento. Entretanto, convém também ressaltar que apesar da vitória do candidato nacionalista nas eleições presidenciais, a política ucraniana continuou polarizada, como é desde sua independência, pois a diferença na votação de ambos os candidatos não foi tão grande. Nas regiões do leste e sul do país, Yanukovich recebeu 79% e 70% dos votos, enquanto Yushchenko recebeu 89% na região

⁶ O nome "laranja" vem da cor que os manifestantes do movimento adotaram por ter sido a cor da campanha eleitoral do principal candidato da oposição, Viktor Yushchenko.

oeste, e na região central chegou a cerca de 75% (ADAM, 2008). Sendo assim, é correto afirmar que a revolução não foi um impulso decisivo para resolver a questão da separação identitária que há na sociedade ucraniana, especialmente nas regiões do leste e sul.

Com relação às rusgas existentes entre Ucrânia e Rússia, a revolução foi um fator chave que evidenciou que Moscou havia perdido a capacidade de manipular a política doméstica ucraniana, mostrando também o que a Rússia mais temia, a possibilidade de que as potências pudessem se imiscuir na região que antes era de seu controle.

3 OS RECURSOS ENERGÉTICOS DE RÚSSIA E UCRÂNIA

Ucrânia e Rússia historicamente vêm enfrentando problemas com a interdependência, demonstrando o alto grau de sensibilidade recíproca entre ambos os países em função da geopolítica energética que recorta seus territórios.

Após a dissolução da União Soviética, Ucrânia e Rússia se viram envolvidos em contínuos jogos de poder, resultando no distanciamento da Ucrânia em relação à Comunidade dos Estados Independentes (CEI) liderada pela Rússia e sua aproximação crescente com a Europa Ocidental por meio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), levando a cada vez mais um distanciamento entre ambos os países. Analisa-se a seguir, um parâmetro da geopolítica energética da região.

3.1 A POLÍTICA ENERGÉTICA RUSSA

As exportações de petróleo e gás russos para a Europa foram práticas recorrentes desde a década de 1960, entretanto, foi apenas a partir da última década que este setor passou a ser encarado como carro-chefe da economia russa. Isso está ligado ao reconhecimento desses recursos por parte do presidente russo Vladimir Putin, como pertencentes a uma área estratégica para o desenvolvimento econômico e fortalecimento político da Rússia no Sistema Internacional. Nesse contexto, segundo (GARCIA 2010), a partir de seu governo verifica-se a adoção das medidas propostas em sua própria tese de doutorado, na qual os recursos minerais russos são vistos como o elemento-chave no desenvolvimento da economia do país (PUTIN, 2006).

A política energética russa é baseada no importante papel que o país representa como “ponte energética” entre os mercados europeu e asiático – caracterizado tanto pelo fornecimento de recursos naturais à Europa, quanto pela sua ação de facilitador no transporte de recursos de um mercado a outro, já que o governo detém os principais gasodutos da região. Putin (2006) coloca a relevância desses recursos principalmente na questão da contribuição para as receitas do governo, sendo sua maior fonte de moeda estrangeira.

Como aponta Garcia (2010):

Além disso, eles provêm estabilidade social, uma vez que elevam o nível de bem estar da população e diminuem as tensões internas através dos reflexos sociais experienciados por seus habitantes, advindos do crescimento econômico. Assim, através do aprofundamento de sua inserção na economia global, o governo ganha

maior legitimidade e vê seu poder de atuação aumentado tanto na esfera doméstica quanto no âmbito estrangeiro (política externa) (GARCIA, 2010).

A política energética russa têm se fundamentado portanto na promoção de exportações de hidrocarbonetos, bem como na busca pelo controle nacional dessa área estratégica da economia do país. Desta forma, “desde seu primeiro mandato, Putin deixou claro que as concessões quanto à exploração do petróleo e do gás natural russo seriam prioritariamente fornecidas às empresas estatais” (ADAM, 2009).

O aumento do controle estatal foi empregado através da nacionalização de empresas do setor, e também pelo fornecimento de companhias estatais de energia existentes, com a intenção de transformá-las em grandes conglomerados financeiros industriais capazes de competir internacionalmente com outras organizações, como é o caso da Gazprom⁷, principal estatal da área de energia. Vale ressaltar que o setor energético russo admite certa intervenção da propriedade privada pois vê neste campo uma importante fonte de investimentos (internos e externos).

Entretanto, o ex-presidente Dmitri Medvedev faz uma análise afirmando que para continuar crescendo e se desenvolvendo, a Rússia deve também investir em recursos intelectuais, exportando novas tecnologias e produtos inovadores, não somente *commodities*, visto que, vinte anos de mudanças tumultuosas não pouparam a Rússia da dependência de matérias primas, e como resultado, a influência russa nos processos econômicos globais não é tão expressiva como almeja.

3.2 O PAPEL DA GAZPROM

A Gazprom é uma das maiores companhias de energia do mundo, cujas funções abrangem desde a exportação até a venda de hidrocarbonetos, passando também pela sua produção, transporte, armazenagem e processamento. Assim, esta segue sendo a maior estatal russa e a maior companhia mundial de gás natural, detentora de pouco mais de 60% das reservas conhecidas de gás natural russo (e de 17% das reservas mundiais), responsável pela produção de 85% de gás natural naquele país (e de 20% do gás mundial) e possui também a totalidade dos sistemas de distribuição de gás da Rússia e é a única empresa nacional com o direito de exportar tal recurso energético (POUSSENKOVA, 2009).

⁷ Fundada em 1989, é uma empresa de energia estatal russa, maior empresa da Rússia e maior exportadora de gás natural do mundo.

Nos últimos anos, a Gazprom vêm adotando uma política de “Grandes Negócios”, ao invés de “Grandes Gasodutos” (MITROVA, 2008), buscando maior inserção no mercado externo, especialmente através do gás natural. Esta é uma mudança recorrente do aumento dos preços do petróleo e da emergência de novos mercados, focando na diversificação de compradores. Isto inclui principalmente os países asiáticos da costa do Pacífico e não apenas os tradicionais parceiros europeus.

Considerando seu caráter estatal, a Gazprom é reconhecida como uma companhia cujas ações são orientadas através do governo russo, a fim de atingir objetivos políticos. E percebe-se de acordo com as políticas adotadas pelo governo a busca pelo crescimento econômico e o fortalecimento financeiro a fim de servir de fonte de poder político e estatal. Como exemplo disso vê-se a influência que a estatal exerce sobre os produtores independentes russos através da posse do sistema de distribuição de gás. Ainda que estes produtores menores possam atuar livremente no mercado interno, os mesmos veem suas práticas comerciais restringidas pela impossibilidade de utilização dos gasodutos existentes quando aGazprom assim o desejar (POUSSENKOVA, 2009). Esta situação demonstra que a Gazprom possui meios de atuar em toda a rede se gás russo, influenciando os produtores independentes através da autoridade que possui em restringir a entrega de seu produto.

Um fato relevante e que deve ser considerado - levando em conta a influência energética russa - é a questão da má distribuição de hidrocarbonetos pelo globo, onde somente Rússia e Irã detém juntos 40% das reservas de gás conhecidas, e dois terços do petróleo encontra-se no Oriente Médio. Estima-se que cerca de 75% das reservas de hidrocarbonetos estejam fora do alcance das grandes empresas mundiais (UNECE, 2007), o que para os russos não é tão ruim pois assim seguem sendo um dos principais produtores e distribuidores.

Sendo assim, a Rússia segue exercendo sua influência, detentora de 26% das reservas mundiais conhecidas de gás natural e de 7% das reservas de petróleo, ela é o maior exportador de gás do mundo e o 2º exportador de petróleo (perde apenas para a Arábia Saudita) (UNECE, 2007). Sua política energética é fortemente orientada para as exportações (ambiente de onde provêm seus maiores lucros), de modo que em 2005, ela vendeu ao exterior mais de 50% da sua produção de petróleo bruto, mais de 40% de seus derivados de petróleo e cerca de 30% do seu gás natural (UNECE, 2007).

Estima-se que as reservas de petróleo e gás natural da grande estatal russa possam chegar a quase 2.300 milhões de toneladas e 21.500 bcm (valor em bilhões de metros cúbicos, do termo inglês *billion cubic meters*). As reservas de hidrocarbonetos expressas a seguir na tabela, evidenciam a longevidade dos recursos da Gazprom, e como resultado, sua influência e poder

político:

Tabela 1 – Reservas Comprovadas e Prováveis do Grupo Gazprom

	Gás Natural, em bcm	Gás Condensado, em milhões de toneladas	Petróleo, milhões toneladas	em de
Reservas Comprovadas	18.236,55	587,90	1.328,69	
Reservas Prováveis	3.213,41	141,88	944,39	
Reservas Comprovadas + Prováveis	21.449,96	729,78	2.273,08	

Fonte: Gazprom Annual Report 2008.

O mapa abaixo mostra as vendas de gás natural do Grupo Gazprom para outros países entre os anos de 2007 e 2008. Além de evidenciar que a Europa é o principal consumidor do gás russo, também mostra que as vendas de um ano para o outro aumentaram 9,4%, atingindo 184,4 bcm em 2008.

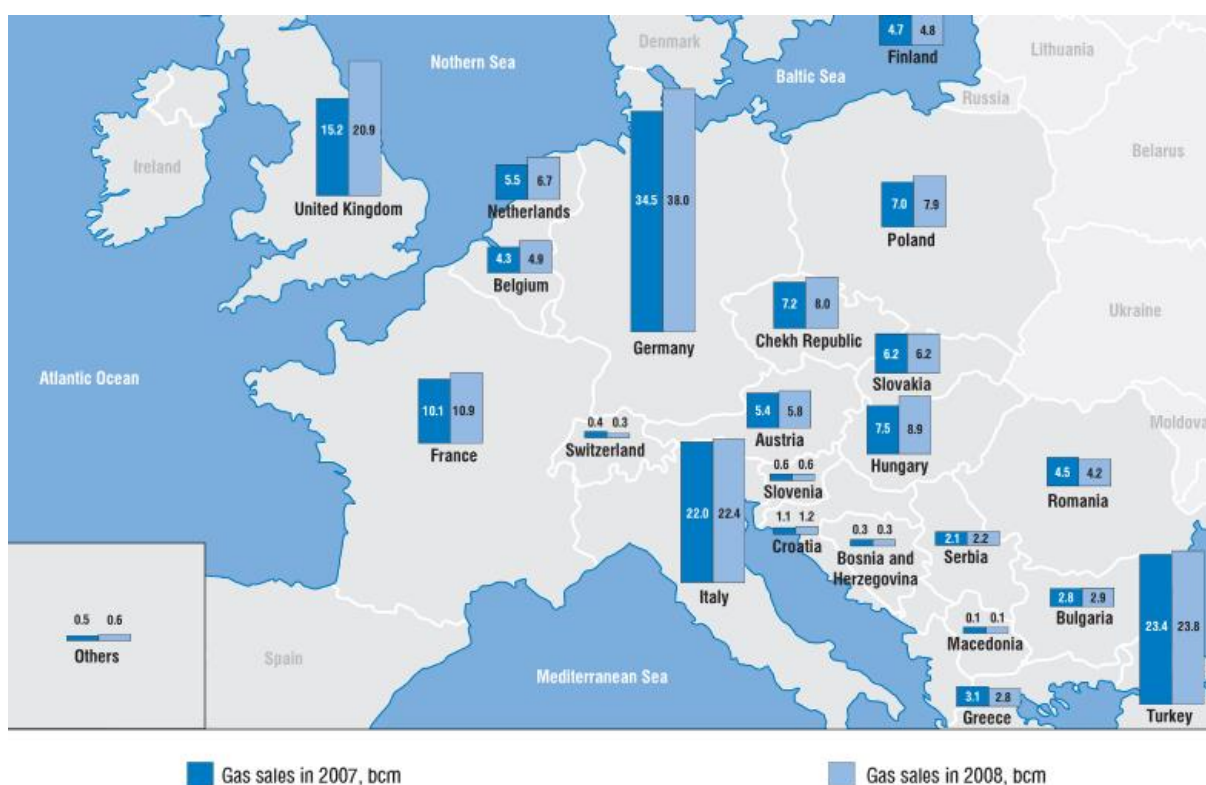


Figura 3: Estrutura de vendas de gás natural do grupo Gazprom no mercado internacional

Fonte: Gazprom Annual Report 2008

Uma análise comparativa entre a tabela 1 anterior mostrando as reservas comprovadas de gás natural, e a figura 3 que mostra o número de vendas do gás no mercado internacional no ano de 2008, mostra que não havendo o aumento do consumo por parte dos países que importam o gás russo, a Gazprom tem reservas comprovadas que podem suprir estes países por mais 98

anos, sem descobrir novas reservas. Visto que a soma de vendas de gás é 184,4 bcm e a quantidade em bcm de gás natural em reservas comprovadas é de 18.326,55.

Isto posto, o resultado evidencia o poderio russo em seus recursos energéticos e também a continuidade de sua influência no cenário geopolítico e energético, visto que possui grandes reservas de petróleo e gás. Vale ressaltar também que a Europa devido a atual crise no Leste europeu, vêm tentando diminuir sua dependência energética com relação à Rússia, explorando novas fontes energéticas e novos mercados.

3.3 A GEOPOLÍTICA DOS OLEODUTOS

A Geopolítica dos oleodutos é o termo utilizado por Michael Klare para se referir às disputas de grandes potências envolvendo a tentativa de controle ou acesso privilegiado e garantia de segurança nas rotas de passagem de oleodutos e gasodutos, ou seja, nas rotas de escoamento de petróleo e gás através de dutos.

O transporte dos recursos energéticos é a questão mais grave da cadeia como um todo envolvendo os recursos energéticos, pois as rotas de transporte possuem diversos pontos de vulnerabilidade, sofrendo riscos de danos físicos a sua infraestrutura advindos de desastres naturais, roubos de equipamentos e ações terroristas – o que abriria margem à restrição da passagem dos hidrocarbonetos parcial ou totalmente (UNECE, 2007). Assim, a questão da infraestrutura da cadeia do gás e do petróleo, construção de novos gasodutos e oleodutos bem como a manutenção dos já existentes é fundamental a ser debatida.

Segundo Poussenkova (2009), a relevância da rede de oleodutos, e especialmente de gasodutos, reside na criação de fortes nexos entre os países produtores e consumidores, uma vez que há o estabelecimento de um vínculo físico e, conseqüentemente, uma dependência de longo prazo entre as partes.

A interrupção desta conexão deixa o consumidor sem energia, já que frequentemente não há alternativas disponíveis para mudar rapidamente para outras fontes de energia e fornecedores. Assim os gasodutos dotam o produtor de influência sobre o consumidor.

A configuração espacial do Sistema de Abastecimento de Gás Unificado (UGSS – do termo em inglês *Unified Gas Supply System*) russo é o seu ponto mais fraco também, pois maior parte de suas rotas que atendem os países da Europa Ocidental passa pelo território ucraniano e bielorusso. Com base nisso, o governo russo percebe que as relações com os países da CEI,

especialmente com os dois países em questão, devem ser tratadas no âmbito bilateral e econômico, levando a Rússia a procurar fortalecer sua presença econômica na região a fim de aumentar seu controle sobre as suas linhas de transmissão através do apoio a governos pró-Rússia e da manutenção dos preços subsidiados do gás natural (TSYNGANKOV, 2006).

A exemplo das previsões de Klare, esta região já é fonte de conflitos por recursos, onde os recursos energéticos são utilizados como arma estratégica para exercer maior influência na região. Mas para isso o governo russo já vêm projetando outras rotas para escoamento do seu produto à Europa Ocidental, fragilizando a posição da Ucrânia e Belarus.

A construção de novas redes de dutos para abastecer a Europa vêm sendo feita de modo a escapar das linhas que passam pela Ucrânia e outros países da ex URSS. São dois os principais projetos de construção de novas rotas, chamados de “*Nord Stream*” e “*South Stream*”.

O primeiro, concluído em 2011, busca contornar os atuais gasodutos ucranianos e passa sob o Mar Báltico, ligando a Rússia diretamente à Alemanha. E o segundo com obras iniciadas em 2012, será constituído de um trecho submarino de 930km atravessando o Mar Negro (em águas territoriais russas, búlgaras e turcas) e por um trecho terrestre atravessando a Bulgária, Sérvia, Hungria, Eslovênia e Itália. Está previsto que as primeiras entregas de gás através deste gasoduto sejam realizadas no fim de 2015.

Este último gasoduto vêm sendo construído sob as ameaças e olhos atentos da União Europeia e Estados Unidos, pois uma vez que a crise na Ucrânia foi deflagrada no final de 2013, os norte-americanos passaram a exercer forte pressão sobre a UE para que reduzam suas importações de gás e petróleo russos, que constituem cerca de 1/3 das importações energéticas europeias. Para isso, Washington exerceu forte pressão sobre o governo Búlgaro, criticando o governo desse país por ter confiado a construção do trecho búlgaro do gasoduto a um consórcio na qual faz parte a empresa russa Stroytransgaz⁸, sujeita a sanções por parte dos EUA após a crise na Criméia. Então, em junho deste ano, a Bulgária anunciou a suspensão temporária do gasoduto em seu território. A construção do gasoduto "vai continuar assim que eliminarmos todas as críticas da parte de Bruxelas", acrescentou o primeiro-ministro da Bulgária, país que depende dos fornecimentos de gás da Rússia. A Comissão Europeia, cedendo às pressões norte-americanas, considera que o gasoduto *South Stream* não cumpre regras europeias sobre energia e adjudicação de contratos públicos, mesmo sendo este projeto de grande importância econômica e energética para a UE. A construção segue paralisada e o projeto continua em

⁸ Empresa russa de engenharia e construção dos setores de petróleo e gás fundada em 1990. Inicialmente era subsidiária da Gazprom mas agora é controlada por Gennady Timchenko, dono do grupo de investimentos Volga Group, especializado em investimentos na área de energia, transporte e infraestrutura.

negociação junto à comissão europeia.

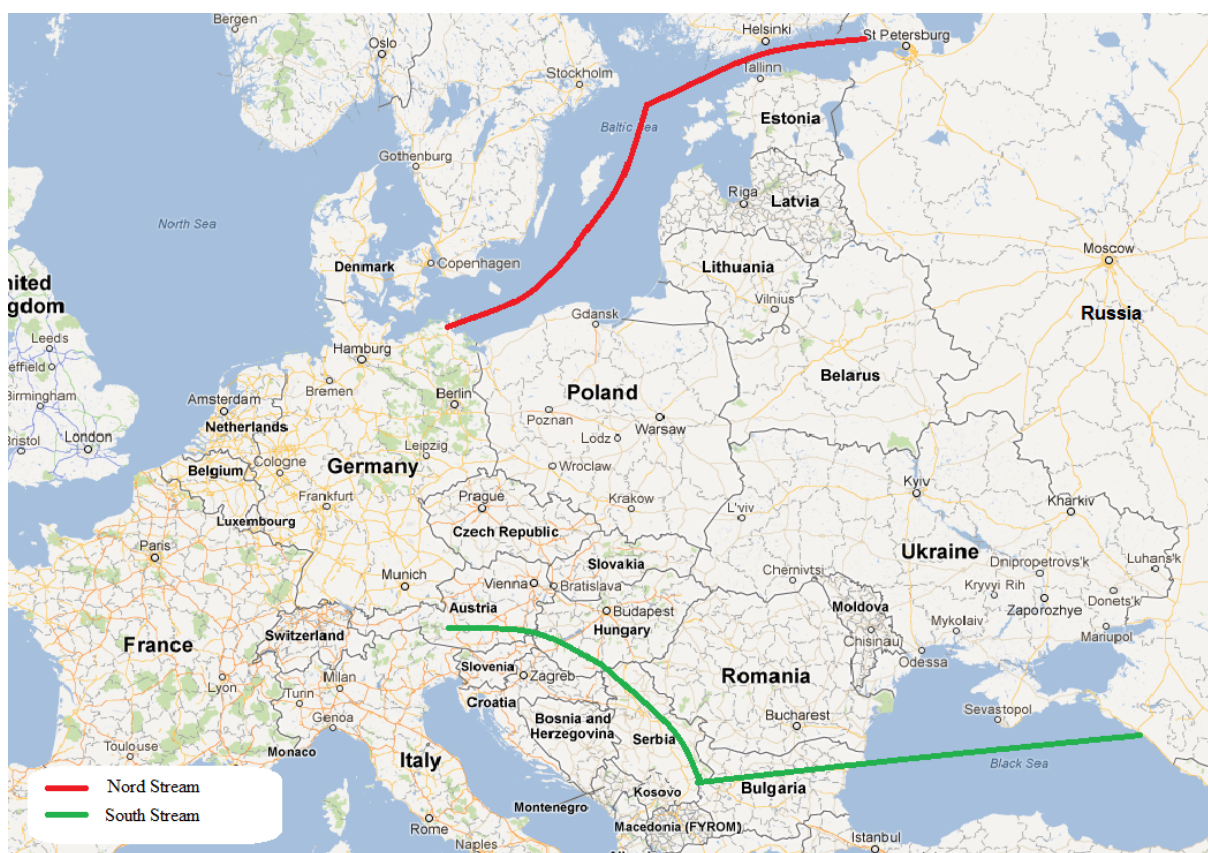


Figura 4: Linhas dos Gasodutos “Nord Stream” e “South Stream”.

Fonte: Adaptado pelo autor de <http://www.gazprom.com/about/production/projects/pipelines/south-stream/> e <http://www.gazprom.com/about/production/projects/pipelines/nord-stream/>.

3.4 IDENTIDADE NACIONAL E POLÍTICA NA UCRÂNIA

As estratégias de interação adotadas a partir do desmembramento da URSS são cruciais para a construção da relação entre as ex-repúblicas socialistas. Desta forma, Alexander Wendt analisa que falta de reconhecimento da soberania de um país afeta a sua autoestima coletiva, na medida em que esta depende de imagens positivas ou negativas que um outro país faz dele. Assim, quando o reconhecimento ocorre de imediato, é provável que as relações entre os países sejam mais cooperativas e menos competitivas, pois as identidades não são constituídas em oposição uma à outra (WENDT, 1999). Entretanto, isto não é o que ocorre na relação entre Ucrânia e Rússia.

Neste sentido após o fim da URSS, a Rússia não aceita a independência da Ucrânia, pois considera que, junto com a Bielo-Rússia, os três países compõem uma mesma nação eslava

(RUMER, 1994). Nesse sentido, a declaração de independência da Ucrânia é respondida com uma nota emitida pelo escritório de imprensa da Presidência da Rússia, segundo a qual o país se reservava o direito de questionar as fronteiras com os demais países da antiga URSS, menos com as Repúblicas do Báltico (TOLZ, 2002).

Os países bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia) são os únicos da antiga república soviética que não integraram a CEI, e atualmente fazem parte da União Europeia, isto pois estas nações desde sua independência sempre tentaram diminuir as relações políticas com a Rússia, acredita-se que devido à forte identidade nacional que estes países apresentam e pouca proximidade cultural com a Rússia.

A intenção de se afastar da influência russa é anunciada logo no discurso de posse de Leonid Kravchuk, primeiro presidente da Ucrânia independente, no dia 5 de dezembro de 1991, no qual ele se refere ao seu país como o mais novo Estado europeu, e que busca se integrar às estruturas europeias (SOLCHANYK, 1991). Isto é visto também com relação à postura ucraniana em relação à CEI (Comunidade dos Estados Independentes), onde a comunidade foi vista como o melhor instrumento para proporcionar uma separação civilizada entre os membros da antiga URSS, e em que apenas as questões referentes ao desarmamento nuclear deveriam ser tratadas com zelo. Exemplo disso é a declaração do então presidente da Comissão de Relações Exteriores do parlamento ucraniano em 1991, Dmitrii Pavlychko, que definiu a CEI como um sistema temporário que poderia ser descartado após a destruição dos armamentos nucleares (SHEEHY, 1991).

Os séculos sob o controle de Moscou deixaram marcas profundas no território ucraniano, visto que a identidade ucraniana está muito pautada em sua diferenciação em relação à Rússia. Um exemplo disso é a análise de Janmaat (2007) da reforma do programa educacional ucraniano após a independência, onde um aspecto fundamental do novo currículo escolar é a preocupação com o tratamento do “outro”, no caso, os russos, seguindo a mesma linha de diversas estratégias nacionalistas de outros países, tratando a relação com os russos de forma negativa. Os livros didáticos aprovados pelo governo buscam ocultar os aspectos positivos que a união com a Rússia possa ter trazido para os ucranianos (JANMAAT, 2007).

Wendt (1999) traz grande contribuição acerca das análises históricas através da identidade nacional, onde de acordo com o autor:

A estratégia de estereotipar o “outro” a partir de análises históricas tem quatro funções para o processo de construção da identidade nacional: (1) definindo as fronteiras, a fim de distinguir quem está “dentro” do grupo e quem está “fora”. O estabelecimento desta fronteira envolve mais que simplesmente estereotipar etnias e grupos minoritários, ao definir certas características como naturais aos referidos grupos (nacionais e estrangeiros, se constrói um sentido de singularidade e união à identidade

nacional. (2) Reforça a hostilidade em relação a determinado grupo de estrangeiros, ao mesmo tempo em que ajuda a amainar os conflitos internos, contribuindo para a coesão nacional. (3) Cria uma justificativa bastante forte para a luta contra o opressor estrangeiro e pela consolidação do Estado-nacional independente (ponto central para a Ucrânia nos anos 90). (4) A percepção de um adversário externo, ao aumentar a necessidade de coesão interna, reduz as críticas às falhas do governo, garantindo maior longevidade à elite política nacional (WENDT, 1999).

Desta forma, segundo Mielniczuk e Wendt, o estudo sobre as diferentes visões do passado é fundamental para se entender o debate existente acerca da própria identidade de um povo e a relação desta com a política externa, assim como, história, mitos e símbolos são traços fundamentais da constituição de uma nação. Sendo assim, o estudo das diferentes abordagens acerca do passado da Ucrânia é fundamental ao se estudar sua política externa.

Friedman reforça o mesmo argumento, afirmando que “a política de identidade consiste em ancorar o presente em um passado viável. O passado é, portanto, construído de acordo com as condições e os desejos daqueles que produzem textos históricos no presente” (FRIEDMAN, 1992). Assim, visto que a Ucrânia passou séculos sem um Estado-nação autônomo, sua história acabou sendo contada por outros e utilizada por estes para legitimar os próprios objetivos políticos.

3.4.1 A Russificação da Ucrânia

O processo de russificação na Ucrânia ocorreu com Stálin em um dos episódios mais traumáticos da história da Ucrânia, entre 1929 e 1933. Neste período, o ditador adotou uma política de coletivização da agricultura, reduzindo as colheitas e levando milhões de camponeses a morrer de fome em toda a URSS. Na Ucrânia, foram pelo menos 5 milhões de mortos. Tal política também ficou conhecida como uma ação deliberada de Stalin de genocídio étnico (VIANNA,).

A coletivização da agricultura foi o processo de expropriação de pequenas e médias propriedades privadas, principalmente agrícolas, e sua transformação forçada em cooperativas ou unidades produtivas estatais, processo que utilizou força militar nos casos em que havia resistência por parte dos agricultores e proprietários de terras.

Desta forma, para substituir os trabalhadores mortos, o governo soviético enviou milhões de colonos russos para o leste ucraniano. Tal processo ocorreu em outras partes da URSS, como Polônia e Bielorrússia, e ficou conhecido como russificação.

Esta ação de Stálin era uma política estratégica que tinha como objetivo sufocar as identidades regionais de localidades que mantinham língua e cultura próprias, enviando russos para esta região e dispersando os povos locais. Durante este processo o nacionalismo ucraniano foi combatido severamente, inclusive havia proibição de falar o idioma ucraniano em locais públicos.

Tal processo de russificação resultou em profundas divisões internas na Ucrânia entre leste e oeste, desde sua independência, não havendo um sentimento claro de identidade nacional. Estes reflexos são vistos até hoje, resultando na crise que se iniciou em 2013 e nos movimentos separatistas, cada vez maiores nas regiões do leste e sul.

3.5 CONFLITOS ENTRE UCRÂNIA E RÚSSIA NO PÓS-URSS

A relação entre ambos os países é bastante complexa pois todas as disputas são tratadas em um ambiente hostil e conflituoso. Assim, segundo Mielniczuk, a Ucrânia sempre temeu que a preocupação com o status da minoria russa que vive em seu território fosse utilizada pela Rússia como pretexto para interferir na política interna ucraniana, porém, a presença russa na Ucrânia tem um potencial de desestabilização muito maior, sendo que dos 50 milhões de habitantes do país, 25 milhões falam russo como primeiro idioma e mais de 10 milhões são originários da Rússia (MIELNICZUK, 2006). Essa parcela russa da população se concentra nas regiões leste e sul da Ucrânia – a região que faz fronteira com a Rússia, como pode ser visto na figura a seguir:

As divisões da Ucrânia

Resultado das eleições presidenciais de 2010



Yulia Tymoshenko ■ 70%+ ■ 50-69%
Viktor Yanukovich ■ 70%+ ■ 50-69%

Fonte: Censo Nacional 2001

Russo como língua nativa



■ Menos de 20% ■ 20-50% ■ 50% ou mais

Figura 5: As divisões da Ucrânia

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/crimeia-pede-para-fazer-parte-da-russia-entenda-com-mapas-a-crise.html>

O mapa anterior ilustra as divisões da Ucrânia, não só com relação à questão linguística, mas também pela preferência política entre os pró-russos e contrários à Rússia.

Desde o final de 2014 a Ucrânia têm vivido uma grave crise social, quando o governo do então presidente Viktor Yanukovich desistiu de assinar um acordo de livre comércio com a União Europeia, alegando que buscava relações mais próximas com a Rússia, seu principal aliado. Desta forma, a oposição e parte da população que esperavam por uma relação mais próxima com a Europa ocidental foram às ruas protestar contra a decisão, até que em 22 de fevereiro deste ano, a pressão popular resultou na destituição do presidente pelo Parlamento e no agendamento de eleições antecipadas para 25 de maio. O eleito foi o empresário Petro Poroshenko, eleito em primeiro turno, e um mês após assumir o cargo, assinou o acordo com a UE, que foi o pivô de toda a crise.

O mapa anterior mostra as eleições de 2010 quando Yanukovich, que era a favor de laços mais estreitos com a Rússia, foi eleito, derrotando Yulia Tymoshenko, que procurava o desenvolvimento através do relacionamento com a Europa, ilustrando a divisão existente entre as regiões do leste e sul, com o russo como principal idioma e tendo o candidato pró-russia como preferência, e o oeste e norte da Ucrânia, região de forte identidade ucraniana e que busca maior aproximação com a Europa.

Na esfera econômica também há questões a serem analisadas, pois aproximadamente 70% do petróleo e 90% do gás natural consumidos na Ucrânia são fornecidos pela Rússia. E em um contexto de economia fragilizada em que a Ucrânia se encontra, nem sempre tem condições de efetuar os pagamentos em dia, fazendo com que a Rússia utilize sua condição de credora como

trunfo nas negociações que envolvem outras disputas com o país, ameaçando inúmeras vezes cortar o fornecimento de energia – o que geralmente é feito durante o inverno.

Assim, a Ucrânia exerce o único recurso que possui: sua localização geográfica. Desta forma, o país aumenta as taxas de passagem do petróleo e do gás russos, exportados para a Europa pelos dutos localizados em território ucraniano. Desta forma, segundo Balmaceda, 1998; Smolanski, 1995 citados por Mielniczuk (2006), esta medida força o estabelecimento do diálogo, mas não soluciona o problema, reiniciando um círculo vicioso onde a cooperação torna-se ainda mais difícil.

Militarmente, Ucrânia e Rússia também enfrentaram problemas no que diz respeito ao desarmamento nuclear, que será melhor estudado no capítulo seguinte. A Ucrânia obstruiu as negociações sobre seu desarmamento e exigiu a participação dos EUA como garantidor de tratados. As armas nucleares que estavam em território ucraniano acabaram sendo transferidas para a Rússia, mas a hostilidade entre ambos continuava, mesmo sem a Ucrânia ter mais posse das armas, pois com medo de uma chantagem russa, o governo ucraniano se aproximou ainda mais dos EUA, que declarou apoio ao governo ucraniano. A aproximação da Ucrânia com a OTAN também é vista como um ato de provocação, uma vez que a Rússia não aceita a expansão da Aliança para os países do leste europeu. Entretanto, os conflitos mais intensos ocorrem devido ao estatuto de Sevastopol e da divisão da Frota do Mar Negro (FMN).

Sevastopol é a região da Crimeia, que foi dada de presente à Ucrânia pela Rússia quando era celebrado o 300º aniversário da unificação da Rússia com a parte oriental da Ucrânia. O gesto simbólico tinha com intenção fortalecer a parceria, a economia e o peso político do então novo secretário-geral Nikita Khrushov⁹ (MIELNICZUK, 2006). Na época as opiniões já eram contrastantes mas o então secretário-geral argumentou que devido à proximidade da Crimeia à região da Ucrânia, era mais fácil governar a partir de Kiev do que de Moscou – visto que a Ucrânia ainda não era independente do território soviético.

A questão do estatuto de Sevastopol é conflitiva pois desde os tempos do czar, esta região era reconhecida como uma cidade-fortaleza, com estatuto de cidade autônoma, e em 1978 - já com os sucessores de Khrushov, a troika¹⁰ formada por Leonid Brejnev, primeiro-secretário do Partido Comunista, Kosygin, chefe do Governo, e Podgornyj, presidente do Presidium do

⁹ Nikita Khrushov foi um dos principais líderes soviéticos tentando livrar a URSS do período Stalinista, denunciando os abusos do ditador, e tornando-se seu sucessor com a morte de Stálin em 1953. Seu governo foi marcado por uma nova postura perante o comunismo internacional, denominado de coexistência pacífica entre os diferentes sistemas.

¹⁰ Palavra usada para descrever os três supremos chefes dos estados comunistas, o chefe de estado, o chefe de governo e o líder do partido.

Soviete Supremo ¹¹- a nova Constituição da República Soviética Ucraniana, Sevastopol se tornou um centro republicano subordinado ao governo ucraniano, embora este estatuto tenha sido pouco foi reconhecido. Mas, paralelamente a ordem de que Sevastopol era um centro administrativo-econômico independente assinada em 1948 não foi alterada ou sequer cancelada.

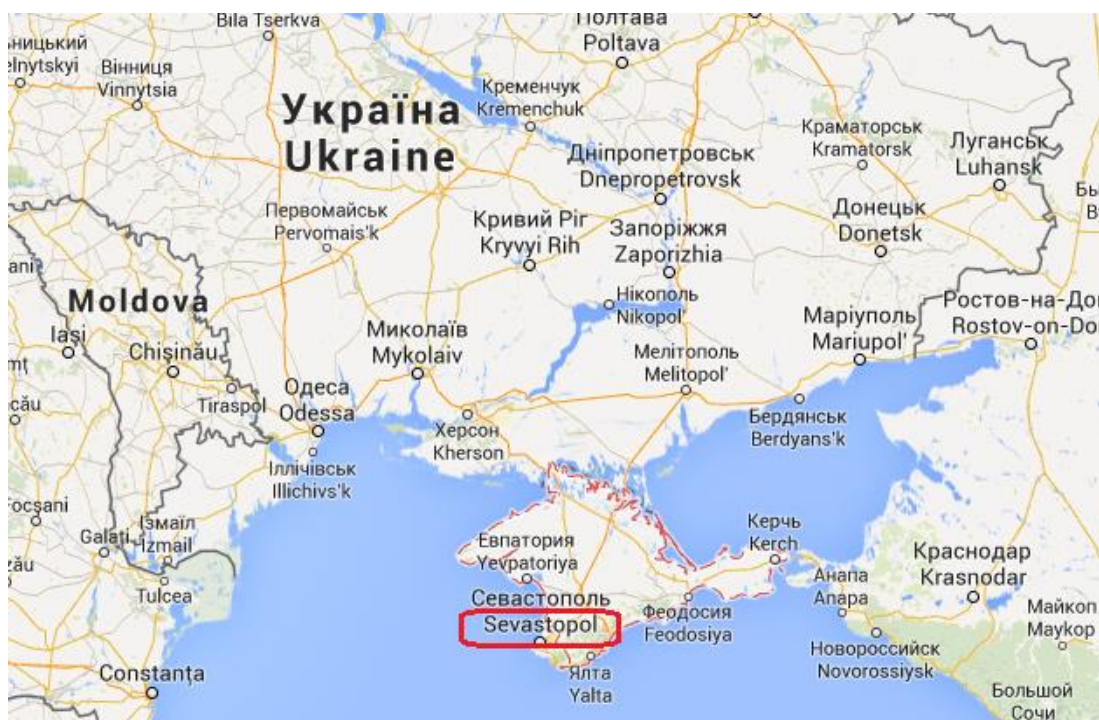


Figura 6: Mapa de localização de Sevastopol

Fonte: Google Maps

Assim, segundo Mielniczuk vê-se que há divergências de interesses em quase todos os aspectos no relacionamento entre Ucrânia e Rússia. Mas ainda assim, algumas delas são sugeridas:

Segundo Kuzio (2001) os conflitos entre Rússia e Ucrânia têm origem na crise de identidade que assola os dois países com o fim da URSS. Definida em termos territoriais, étnicos e culturais, a identidade é construída em um processo de disputa entre as elites, internamente, e tem como ponto de referência um outro Estado. A elite da Rússia não aceita a identidade da Ucrânia como país independente. Essa postura acirra a disputa entre a elite ucraniana, que se divide entre os que apoiam a vinculação com a Rússia e os que preferem o afastamento. De acordo com o autor, a inabilidade das elites russas em aceitar a separação da Ucrânia é responsável pela ênfase dada pela elite ucraniana no governo à diferenciação em relação à Rússia. Esse processo origina os conflitos entre os dois países.

¹¹ O Soviete Supremo era a mais alta instância do poder Legislativo da URSS entre 1936 e 1988, sendo a única com poder de passar emendas constitucionais, cabendo também ao Soviete Supremo eleger o Presidium. O Presidium foi um dos órgãos de governo mais importantes da URSS, exercendo de forma coletiva a chefia do Estado Soviético. Era composto por um Presidente, um Secretário e um deputado representando cada uma das 15 Repúblicas Soviéticas e 20 membros ordinários.

Outra análise é a de Kinkade e Melnyczuk (1994):

Os conflitos entre Ucrânia e Rússia são consequência da crise de legitimidade que assola a URSS durante seu fim, que acaba ficando como herança para as repúblicas sucessoras. A lógica de seu argumento é a seguinte: com a legitimidade em baixa, os líderes políticos utilizam a estigmatização do adversário como um recurso para aumentar o seu prestígio. Nesse sentido, os problemas entre Ucrânia e Rússia são causados por ex-comunistas recém convertidos aos ideais nacionais. Formados por membros da antiga *nomenklatura*, esses políticos não avaliam os riscos da prática agressiva empregada na defesa de seus interesses. A “guerra fria” entre Ucrânia e Rússia que se segue após o final da URSS decorre dessa situação. Em ambos os países, os líderes buscam diminuir a contestação sobre sua legitimidade criando crises políticas para distrair a atenção da população.

As explicações dos autores são de grande contribuição para o entendimento das relações entre Ucrânia e Rússia. A ênfase dada ao papel da identidade nacional é a maior contribuição de Kuzio (2001), que indica o processo de construção das identidades de ambos os países como fonte de conflito e a análise de Kinkade e Melnyczuk (1994) é importante em ressaltar a importância da representatividade que um tem sobre o outro, compreendendo melhor o porquê da maior parte dos russos da Ucrânia desejarem a manutenção da soberania do país e aceitarem a representação da Rússia como uma ameaça (MIELNICZUK, 2006).

A visão de Kuzio (2001), de acordo com o presente estudo é mais condizente com a realidade ucraniana, a crise de identidade é visível mesmo no dia-a-dia na escolha do idioma a se utilizar, onde nas escolas o ucraniano é aprendido mas não é falado nas regiões leste e sul, e a disputa de culturas vai desde o idioma até a comida local.

4 POLÍTICAS EXTERNAS DE RÚSSIA E UCRÂNIA

4.1 A QUESTÃO NUCLEAR

Em razão de um acordo entre Ucrânia e Rússia durante seu processo de independência, as armas nucleares russas localizadas na Ucrânia deveriam ser transportadas para a Rússia a fim de serem desmanchadas. O processo de transferência aconteceu, mas gerou muitas hostilidades entre ambos os países, aumentando ainda mais as incertezas e desconfianças que um tem pelo outro.

A transferência das armas nucleares teve início em janeiro de 1992 com encerramento previsto para julho do mesmo ano, mas em março, a Ucrânia anunciou que a transferência havia sido cancelada pois uma vez em território russo, não haviam garantias de que as armas seriam realmente destruídas e que não cairiam em mãos erradas. Assim, para justificar esta decisão, o governo ucraniano alegou também a crescente instabilidade política na relação entre ambos os países.

O temor da Ucrânia era de que a Rússia estivesse estocando armas nucleares ao invés de desmancha-las e o país afirmou ainda que a transferência das armas para a destruição só seria reiniciada caso o Ocidente pudesse monitorar seu destino em território russo.

De fato, a Rússia demonstrou que a Ucrânia estava certa em suas desconfianças pois em visita à Criméia, em abril de 1992, o então vice presidente da Rússia Aleksandr Rutskoi afirmou que a FMN (Frota do Mar Negro) sempre foi e iria continuar sendo russa. Dias depois, a Ucrânia acusou o vice presidente russo de interferência direta nos assuntos internos da Ucrânia, e o então presidente ucraniano Kravchuk emitiu um decreto afirmando que todas as formações militares em território ucraniano deveriam obedecer ao ministro de Defesa do país. No dia seguinte, o ministro de Defesa russo Yeltsin transfere a FMN para a jurisdição da Rússia, afirmando que o documento era uma resposta ao decreto de Kravchuk, pois com ele, a Ucrânia passaria a controlar a FMN. O presidente da Ucrânia passou a acusar a Rússia de tratar o seu país como um inimigo e defendeu-se afirmando que seu decreto havia sido necessário para garantir o controle sobre as armas nucleares em território ucraniano (MIHALISKO, 1992).

O decreto de Yeltsin foi recebido pelo parlamento ucraniano como uma declaração de guerra contra a Ucrânia independente, ratificando a suspensão da transferência de armamentos nucleares da Ucrânia para a Rússia. Deste modo, o fator nuclear fora levado em conta pelos russos antes que qualquer ameaça contra o país pudesse ser concretizada.

Assim, com a iminência de uma guerra, Kravchuk e Yeltsin concordam em anular seus decretos sobre a FMN e em estabelecer uma comissão parlamentar conjunta para resolver a disputa. Também, após o entendimento, a Ucrânia reiniciou a transferência das armas nucleares para o desmonte na Rússia em 17 de abril de 1992 (CLARKE, 1992).

Mesmo assim, a insegurança com a relação aos russos continuou e no dia 28 do mesmo mês, Kravchuk pediu ao Ocidente que garantisse a integridade territorial ucraniana quando esta não contasse mais com armas nucleares, temendo ser vítima de uma chantagem nuclear russa, fortalecendo as relações com a União Europeia e os EUA. Desta forma, dada a instabilidade na política interna do momento envolvendo Rússia e Ucrânia, em 5 de dezembro de 1994, o governo da Ucrânia assinou em Budapeste um memorando confirmando não ser uma potência atômica, se eximindo das responsabilidades de tais armamentos perante a comunidade internacional

4.2 UCRÂNIA, RÚSSIA E OTAN

A expansão da OTAN foi vista com receio por alguns estudiosos, pois segundo Garnett (1997) a divisão criada entre os países membros e países não membros traz implicações acerca da segurança do continente, onde o sentimento de exclusão dos não membros exerce influência na percepção que eles têm a respeito de sua segurança.

Assim, a oposição da Rússia à expansão da Aliança é fundamental, pois em decorrência desta postura, os Estados localizados entre a OTAN e a Rússia receiam os efeitos que as medidas adotadas pelo país para contrabalançar o avanço da organização possam ter sobre eles. Diante disso, esses países podem optar por uma política externa orientada para o ingresso na OTAN, ou por uma política externa voltada para o estreitamento dos laços militares com a Rússia no âmbito da CEI, refletindo então, o modo como a identidade social desses Estados é construída na relação com a Rússia (MIELNICZUK, 2006).

Desta forma, segundo Mielniczuk (2006):

Duas posturas são esperadas. Os Estados que não percebem sua identidade ameaçada pela Rússia tendem a desenvolver relações amistosas com o país. A partir destas, consolida-se uma identidade social regida pelo princípio da amizade. Como as identidades determinam os interesses, as relações entre amigos envolvem interesses comuns. Desse modo, a percepção de ameaça à identidade corporativa por parte da Rússia é compartilhada por um Estado amigo e ambos tomam precauções para se proteger do perigo. O Estado amigo alinha-se à Rússia e busca fortalecer os interesses

comuns no âmbito da CEI. Por sua vez, os Estados que enxergam a Rússia como uma ameaça interagem com ela a partir do princípio da inimidade. Nesses casos, a identidade social construída na interação é a de inimigo. Identidades conflitantes originam interesses divergentes, o que explica por que a opção dos países que temem a Rússia é a busca de laços mais estreitos com a OTAN (MIELNICZUK, 2006).

O segundo caso é o que enquadra-se na relação entre Rússia e Ucrânia, havendo uma aproximação da Ucrânia com a OTAN. A Ucrânia ao declarar sua independência, anuncia sua adesão ao princípio da neutralidade em questões militares. O princípio é utilizado para não despertar temor na Rússia em relação a um possível ingresso imediato da Ucrânia na organização, mas também, tal posição de neutralidade impede um acordo militar no âmbito da CEI, resguardando o país da influência russa (BALMACEDA, 1998). Assim, observa-se que a Ucrânia optou por esta estratégia a fim de se proteger da Rússia e ao mesmo tempo fortalecer seus laços com a Aliança mesmo sem aderir formalmente a ela.

Além disso, a Ucrânia também passou a integrar o projeto Parceria para Paz. Este é um projeto da OTAN de diálogo institucionalizado, a fim de firmar parcerias estratégicas entre a Aliança, os ex-países soviéticos e outros países do entorno europeu, onde qualquer ameaça aos países membros seriam discutidas na Aliança por intermédio de consultas com seus membros. Os ingressantes no projeto de Parceria pela Paz não fazem parte formalmente de qualquer mecanismo de segurança coletiva da Aliança, há apenas o compromisso moral entre as partes. Desta forma, ingressando neste projeto, a Ucrânia obteve a garantia de que as ameaças feitas ao seu território ou identidade seriam discutidas no âmbito da OTAN.

Em 1997, o “Conceito de Segurança Nacional” é aprovado pelo parlamento ucraniano, indicando o abandono do princípio da neutralidade e a vontade do país de pertencer a estruturas de segurança internacional (BALMACEDA, 1998). A reação esperada da Rússia seria de represálias, entretanto, a Ucrânia foi surpreendida com um tratado entre ambos os países reconhecendo a integridade de seus territórios. Isto aconteceu pois as negociações sobre o Ato Fundador das Relações Mútuas com a Rússia e a Parceria Distinta com a Ucrânia estavam em curso com a OTAN, e como a organização não se compromete com países envolvidos em disputas territoriais, foi necessário que ambos os países reconhecessem a inviolabilidade de suas fronteiras.

A institucionalização da relação entre Ucrânia e OTAN foi resultado da aproximação cada vez mais forte de ambos. Um exemplo disso é a Carta sobre Parceria Distinta, onde a Ucrânia e OTAN concordam que é inaceitável a existência de esferas de influência no continente. Assim, esta é uma maneira de a Ucrânia se opor aos interesses russos na região do

Leste Europeu, e mostra também claramente um avanço em direção ao que a Ucrânia mais esperava da OTAN: proteção contra a ameaça russa.

Por outro lado, a relação entre Rússia e OTAN é diferente. É visto que o país aproxima-se da Aliança para tentar interferir nas decisões que afetam seus interesses. O Ato Fundador das Relações Mútuas assinado por ambos em 1997, indica em um de seus princípios que ambos comprometem-se a não utilizar a força contra elas mesmas, e em outro que ambas aceitam que haja transparência na criação e implementação de doutrinas militares e políticas de segurança. Assim, por basear-se na desconfiança mútua, a estrutura criada a partir do Ato Fundador torna-se ineficaz em momentos de crise (MIELNICZUK, 2006).

Vale analisar no presente estudo as relações que a Rússia manteve com a OTAN com os governos de Yeltsin e Putin. Com o fim da URSS, Yeltsin era o representante de um novo liberalismo para a Rússia, que não poderia ser mantido sem o apoio da comunidade ocidental, mas mesmo com este “discurso ocidental” Yeltsin vinha de um histórico focado em estreitar os laços com o ocidente, este demonstrava também não querer abdicar do poder regional.

Muitas ações de Moscou ainda mantinham o poder regional em suas mãos, como a conservação de tropas na Europa Central e na região da antiga Alemanha Oriental e no parco revezamento de secretários-gerais que não seriam representativos de um órgão pretensamente multipolar como a CEI (visto que os mesmos pertenciam apenas à Rússia ou à Bielo-Rússia, este último um país com fortíssimos laços político-culturais com Moscou). Percebiam-se duas “frentes” de política externa para Moscou: a primeira, propagandística e revolucionária, trabalharia com a celebração dos laços culturais com o Ocidente e a sua inclusão no rol dos grandes países capitalistas; a segunda trabalharia com a ordem antiga, mantendo fortes as ligações com a Ásia Central e países do extremo leste europeu, como a Ucrânia e países do Cáucaso. A manutenção desta segunda alternativa demonstra que a Rússia não estava disposta a abdicar totalmente de seus interesses regionais. (NASCIMENTO, 2008)

Da mesma forma, nas ações da OTAN voltadas à Rússia, estava claro que não havia a intenção de adesão da Rússia à Aliança ou em sua participação efetiva, mas sim, o objetivo desta relação era observar as ações da Rússia pós-soviética.

A subida de Putin à presidência como um forte representante do nacionalismo pragmático, fez com que a OTAN intensificasse seus alertas em relação ao comprometimento de Moscou para com suas obrigações no campo da segurança europeia, em especial relativamente aos documentos previamente assinados por Moscou, como a Parceria para a Paz

Entretanto, com os atentados de setembro de 2001 e o surgimento do terrorismo global como uma ameaça, vê-se uma oportunidade para estreitar os laços entre a Rússia e a Aliança. Mas apesar de a cooperação ser fortalecida e de haver então o Conselho OTAN-Rússia (NRC, em inglês), as ressalvas da Rússia com relação à organização ainda persistem.

Desta forma, vê-se que a percepção da Ucrânia e Rússia sobre a expansão OTAN são

diferentes. No caso da Ucrânia, a percepção da Rússia como ameaça leva o país a estreitar os laços com a OTAN e a apoiar sua expansão, em busca de proteção a sua identidade. E de forma gradual, a aproximação entre a Aliança e a Ucrânia acontece e se institucionaliza através de um comprometimento moral de ambas. A Rússia, por outro lado, percebe a expansão da OTAN como uma ameaça, pois a organização é capaz de garantir a identidade dos antigos membros da URSS. Como visto, isto vai de encontro aos interesses russos, principalmente em relação aos países com os quais a Rússia não tem bom relacionamento. Assim, sua desconfiança sobre as intenções da aliança determina a fragilidade dos vínculos com a organização.

4.3 DA CRISE À ANEXAÇÃO DA CRIMÉIA EM 2014

Alguns analistas que apoiam a aproximação da Ucrânia com a União Europeia afirmam que o pano de fundo para os protestos que levaram ao golpe que derrubou o então presidente Yanukovich foi a situação econômica do país. Edler (2014) afirma que a única alternativa para a Ucrânia seria a de aprofundar os laços econômicos com a UE, modernizando sua economia e promovendo maior interdependência com a Europa e fugir das chantagens econômicas russas.

Entretanto, as causas para a crise ucraniana são mais complexas, e de acordo com o autor Mielniczuk (2014) é preciso considerar pelo menos três fatores. O primeiro deles é considerar a incapacidade do governo de Yanukovich de resolver os problemas de transição para uma economia capitalista, situação enfrentada pela Ucrânia desde sua independência em 1991. A falta de transparência na gestão do país e um ambiente corrupto para os negócios também entram nesse cenário de problemas não resolvidos (KUZIO, 2006). A segunda causa está relacionada a ascensão de movimentos nacionalistas, tendência vista em toda a Europa, e por último é preciso ressaltar o papel da União Europeia, que estimulou a população ucraniana a tomar as ruas após o fracasso das negociações de adesão do país a um acordo de livre-comércio com a Europa. Essa postura de ingerência externa da UE nos assuntos ucranianos fica bastante explícita no famoso discurso de Durão Barroso sobre uma nova narrativa para a Europa, proferido na Assembleia Geral da Comissão Europeia, em Milão, no dia 09 de dezembro de 2013, onde o diplomata foi bastante taxativo sobre as manifestações de Kiev (MIELNICZUK, 2012):

“Quando vemos nas ruas frias de Kiev, homens e mulheres lutando com a bandeira europeia, é porque eles também estão lutando pela a Ucrânia e pelo seu futuro. Porque eles sabem que a Europa não é apenas a terra de oportunidade em termos de desenvolvimento econômico, porque eles viram o que aconteceu na Polônia ou o que

aconteceu nos países bálticos, mas também porque a Europa é a promessa de esperança e liberdade. E eu acho que a União Europeia tem o direito e o dever de acompanhar o povo da Ucrânia neste momento muito difícil, porque eles estão dando para a Europa uma das maiores contribuições que podem ser dadas.” (BARROSO 2014)

Depois de terem “acendido o pavio” (MIELNICZUK, 2014) os líderes europeus passaram a negociar com opositores que não tinham legitimidade frente aos extremistas, permitindo assim que durante as manifestações, a extrema direita tomasse conta da situação e passasse então a expulsar os manifestantes pacíficos dos prédios ocupados. Segundo o autor, há laços dos nacionalistas ucranianos com grupos paramilitares que lutaram na Chechênia contra os russos, confirma-se também que muitos destes “manifestantes” são paramilitares treinados com o único objetivo de derrubar Yanukovich.

Desta forma, percebe-se a precipitação por parte da Europa e dos Estados Unidos em reconhecer um governo que derrubou um presidente ucraniano democraticamente eleito e que é formado, também, por esses extremistas. A justificativa para esta posição é de que o governo de Yanukovich havia sido responsável pela morte dos manifestantes em Kiev. Entretanto, no dia 05 de março de 2014, o vazamento de uma gravação telefônica entre o Ministro das Relações Exteriores da Estônia, Sr. Urmas Paet, e a chefe das Relações Exteriores da UE, Sra Catherine Ashton, deixa claro que os europeus sabiam que o início dos tiros feitos por *snippers*¹² partiram de grupos relacionados às milícias ultranacionalistas, os quais buscavam como alvo tanto as forças policiais quando os manifestantes (GENDER, 2014), reforçando o argumento russo de que os acontecimentos em Kiev foram protagonizados por grupos que ameaçam a segurança dos russos no país, justificando a ocupação da Criméia.

Assim, em 16 de março de 2014, menos de um mês após a derrubada de Yanukovich, um referendo realizado na Criméia chancelou o futuro da região (MIELNICZUCK, 2014). Mais de 90% da população local votou pela incorporação de seu território à Rússia, e em poucos dias o governo de Moscou oficializou a anexação e passou a considerar a Criméia como parte da Federação Russa. Pouco tempo depois, a tensão em torno da presença de militares ucranianos em bases localizadas na península foi dissipada por meio de acordos que garantiram sua retirada da região em segurança, e em visita à Criméia, o primeiro-ministro russo Dmitri Medvedev garantiu investimentos significativos por parte da Federação na região (MIELNICZUCK, 2014).

A partir disso europeus e norte-americanos passaram a acusar os russos de serem

¹² Atiradores militares ou membros de forças policiais altamente treinados, especializados em armas e tiros de longa distância.

incoerentes, de defenderem o princípio da não intervenção em alguns casos e de o desrespeitarem no caso da Ucrânia. A exemplo de algumas situações em que a Rússia condenou a intervenção liderada pelos ocidentais, em 2003 onde o governo norte-americano utilizou de supostas ligações de Saddam com a Al-Qaeda e a existência de armas de destruição em massa para legitimar sua invasão no Iraque (TAYLOR 2013; NORTON-TAYLOR 2013 citado por MIELNICZUCK, 2014).

O que diferencia tal situação, entre outras, da anexação da Criméia à Rússia é que naqueles casos não havia um número significativo de cidadãos, europeus ou norte-americanos, que estivessem em risco e pudesse justificar uma atitude belicosa contra um Estado soberano.

As justificativas de intervenção da Rússia são pautadas em proteger os quase 9 milhões de russos que vivem em território ucraniano, e que viram o parlamento pós-Yanukovich tentar rebaixar sua língua do *status* de idioma oficial do país, e que temem a presença de nacionalistas anti-russos no governo provisório. A atitude russa é a materialização da promessa de que nenhum russo fora do território do seu país depois do fim da URSS seria tratado como cidadão de segunda classe. De fato, existiam em torno de 25 milhões de russos fora da Rússia depois do colapso da União Soviética, e a maioria deles foram desprovidos de seus direitos básicos (propriedade, idioma, emprego, voto, etc.) durante uma boa parte desse período (MIELNICZUK, 2014).

Com relação aos incidentes de discriminação aos russos fora do território da Rússia, a incorporação dos países do leste na União Europeia, como Estônia, Letônia e Lituânia, antigos membros da extinta URSS, serviu para atenuar essa discriminação, mas não para terminar definitivamente com ela, chegando a apoiar ações como a da Letônia e Estônia chamando os russos que viviam nesses países desde a II Guerra Mundial de “não-cidadãos”, ou seja, pessoas que possuem todos os direitos dos cidadãos, mas que não possuem direito de votar ou de ocuparem cargos públicos (KOCHENOV e DIMITROVS 2013; RAUN 2011 citado por MIELNICZUCK, 2014). Isto mostra que, na visão da Rússia, a União Europeia não tem legitimidade para garantir o respeito às minorias russas na Ucrânia.

A anexação da Criméia à Rússia foi recebida com certa resignação pela comunidade internacional, onde os EUA e a Europa responderam com a imposição de sanções econômicas a políticos próximos ao presidente Putin. Percebeu-se que a Europa agiu de modo cuidadoso em defender as medidas mais assertivas na esfera econômica por conta da dependência do continente em relação ao fornecimento de gás russo.

Entretanto, outros lugares também sentiram com a incorporação da Criméia à Rússia após o reconhecimento da vontade da população local, na região separatista moldava da Transnístria que se mantém como estado independente de fato desde o fim da URSS, a população russa solicitou à Moscou que procedesse também a sua anexação ao território da Rússia. Logo após isso, militares armados pró-Rússia tomaram as cidades e arredores de

Donetsk e Kharkiv. Temendo então que o cenário da Criméia se repetisse nessas regiões, o governo de Kiev autorizou o envio de forças militares encarregadas de levar a cabo uma operação antiterrorista contra os russos rebelados. Composta por contingentes regulares do exército ucraniano e por membros da recém criada Guarda Nacional, as forças ucranianas não conseguiram retomar o controle sobre a região leste, apesar de algumas escaramuças terem resultado em baixas dos dois lados (MIELNICZUK, 2014).

Em 17 de abril deste ano, em meio ao aumento das tensões, os encarregados dos assuntos estrangeiros da Rússia, Estados Unidos, União Europeia e do governo interino ucraniano reuniram-se em Genebra, emitindo uma declaração comprometendo-se com o início do processo para a regularização da situação na Ucrânia, incluindo o envio de observadores de OSCE para o país (SHOTTER 2014). Entretanto, o documento não foi observado pelos grupos pró-Rússia, que se negaram a depor suas armas e a abandonar os prédios públicos ocupados, nem pelo governo interino de Kiev que determinou a retomada das operações “antiterrorismo”. Mesmo sem controlar as operações paramilitares desses cidadãos ucranianos de origem russa, a Rússia dá a entender que qualquer tentativa de retomada dessas cidades pela força serviria como justificativa para uma nova incursão russa em território ucraniano (MIELNICZUK,2014).

No cenário atual, com medo do “cenário da Criméia” os Estados Unidos endossaram medidas do governo interino para reaver o controle das cidades do leste, devido à falta de capacidade militar ucraniana para fazer frente a um possível conflito com a Rússia. A OTAN declarou diversas vezes que seu envolvimento militar no conflito estaria descartado, o que implicou na aceitação do elevado risco de que a Ucrânia fosse mais uma vez ocupada pela Rússia, mas desta vez com graves consequências na manutenção do governo interino e do próprio estado ucraniano caso sofresse uma derrota militar.

A falta de empenho da Rússia em dissuadir os grupos rebeldes a depor as armas foi vislumbrada como estratégia de pressão para que o governo de Kiev aceitasse discutir a federalização do país. Mas o governo interino ucraniano, respaldado pelo Ocidente, se negou a iniciar a elaboração de uma nova constituição antes das eleições presidenciais do dia 25 de maio. Nesse contexto, os grupos rebeldes deixaram de ser um meio para a consecução de um fim e tornaram-se um fim em si mesmo, não restando muito à Rússia senão honrar sua promessa de defendê-los quando o risco do conflito for iminente (MIENLNICZUK 2014).

4.4 IMPLICAÇÕES DA CRISE PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Uma análise que deve ser feita é acerca dos motivos pelos quais o Ocidente e a Rússia estão assumindo riscos tão elevados com relação à situação na Ucrânia. Além das garantias dadas pela OTAN de que não haverá interferência no conflito, deve-se ponderar que o arsenal nuclear da Rússia exerce um efeito dissuasório que garante o não envolvimento militar dos EUA e da Europa no conflito. Isto pois a Rússia já mostrou ser reconhecidamente superior militarmente e também sua vontade em defender os interesses dos russos, supondo que tanto o ocidente quanto o governo interino da Ucrânia saibam que qualquer ação contra os russos do leste desencadeará o uso da força por parte da Rússia, que resultará em violência.

Com base nos acontecimentos recentes, segundo Mielniczuk (2014), três cenários podem ser imaginados e infelizmente, cada um deles tem o potencial para se tornar em um degrau de acontecimentos que podem levar ao cenário pior.

Em um primeiro cenário, as forças ucranianas da operação “antiterrorismo” entram em confrontos localizados com os rebeldes russos, resultando no apoio do governo russo oferecendo mantimentos aos rebeldes das regiões ocupadas, não levando a um aumento significativo de sanções econômicas por parte do ocidente contra a Rússia.

No segundo cenário, os russos fariam uma intervenção localizada nas cidades cercadas e expulsariam os soldados ucranianos, estabelecendo perímetros de segurança para as populações russas no leste da Ucrânia e a promessa de retirada caso um acordo garantisse uma constituição federalista no país. Nesse caso, aumentariam as sanções econômicas ocidentais contra os russos e a economia europeia sofreria com a instabilidade no fornecimento de energia.

O terceiro cenário é uma reação caso o governo ucraniano não aceitasse as imposições russas do segundo caso, onde os ucranianos reagiriam à investida russa e o mundo presenciaria uma guerra em território ucraniano, nos mesmos moldes da guerra entre Rússia e Geórgia de 2008. Após a vitória rápida da Rússia, o conflito resultaria na ocupação militar da maior parte do leste e do sul da Ucrânia, onde vivem mais de 7 milhões de russos. Os ucranianos seriam forçados a aceitar a situação de fato, caso contrário, iniciariam uma guerra civil contra a ocupação russa. Por mais irrealista que pareça essa última alternativa, tal opção seria vista com bons olhos por alguns setores ocidentais, como forma de fomentar um conflito que desgastaria o governo russo a médio e longo prazo frente à opinião pública russa e mundial (MIELNICZUK, 2014).

No cenário internacional, quanto maior a aproximação ao terceiro cenário, maior será a

busca peça Rússia de alianças com países que possam representar novos polos de poder. Devido a isso, países importantes econômica e militarmente receberão ofertas mais atrativas da Rússia para o fortalecimento das suas relações, como é o caso da China e Índia.

Do lado ocidental, muita energia será gasta para manter a unidade entre os europeus. Esses encontram-se divididos entre o medo dos países recém-chegados do leste da Europa contra uma ameaça russa e as potências mais experientes, que sabem da importância da Rússia para a manutenção da estabilidade no continente. Há ainda a divisão entre Europeus e norte-americanos; ao passo que esses últimos pretendem impor sanções econômicas mais abrangentes contra a Rússia, os primeiros temem os efeitos de tais medidas em suas economias e a inação ocidental aumenta o espaço de atuação da Rússia em detrimento do novo governo interino de Kiev. Como alternativa, os norte-americanos buscam reforçar outras alianças como forma de dissuasão. As declarações do presidente Obama no Japão reiterando o apoio dado ao país nas disputas com a China sobre o status das ilhas Senkaku são, sobretudo, um aviso sobre o modo como o estreitamento das relações entre Rússia e China será tratado pelos EUA no futuro. Ao que parece, uma nova linha divisória na Ucrânia tem o potencial de criar uma nova configuração de poder mundial (MIELNICZUK, 2014).

De modo geral a insatisfação popular com os abusos cometidos pela Rússia no território ucraniano é cada vez maior, gerando na população um apelo cada vez maior para relações com o ocidente, visando o maior distanciamento da Rússia. Além disso, através deste cenário, a Europa têm sido enfraquecida cada vez mais através de suas agitações políticas e na competição por esferas de influência e de conflito militar, fazendo com que novos polos de poder – no caso a Rússia- ganhem mais força.

As entrevistas realizadas com jovens ucranianos, situadas no apêndice do presente trabalho reforça a percepção ucraniana da relação com a Rússia, e a busca pela sua autonomia. Há a clara visão de que a Rússia vêm tentando obter o controle da região através de um “jogo sujo”, onde segundo os depoimentos, há propagandas na TV que contam mentiras e vão contra a nação ucraniana, além de manipular ações a favor da Rússia, como no Referendo da Crimeia. No primeiro depoimento, há o relato de que no referendo a respeito da anexação da Criméia, em Sevastopol onde a população é de 384 mil pessoas (incluindo os menores de 18 anos), de alguma forma, 414 votos foram registrados no pleito.

É visível que a atual situação só vem a piorar a imagem que os ucranianos têm dos Russos, onde a maioria da população discorda da ação que ocorreu na Criméia e lamentando a preferência dos cidadãos que optam por uma maior aproximação com a Rússia, especialmente a população de maior faixa etária, que ainda têm um modo de pensar soviético e são resistentes às mudanças que uma política voltada ao ocidente pode trazer.

Sendo assim, a preferência pela aproximação com a Europa é cada vez maior entre jovens e adultos. E o que corrobora isto é a insegurança da população, o estilo de vida em que vivem e também a atual situação política e econômica ucraniana. Um exemplo que ilustra a

situação onde o crescimento da Ucrânia ficou muito aquém do desenvolvimento de outros países ex-comunistas, é visto em uma análise comparativa com a Polônia, que diminuiu as relações com a Rússia a 20 anos atrás, e naquele tempo, a situação de Ucrânia e Polônia eram bastante similares, política e economicamente, e agora 20 anos depois, a diferença entre ambos os países é grande.

De acordo com Hakim (2014), a Ucrânia é uma sociedade em grande medida agrária que foi industrializada tardiamente e ficou atrelada a um sistema regulatório antigo no qual oligarcas e a corrupção generalizada se fortaleceram, além de sofrer com a pressão russa de resistir à aproximação com o ocidente. Enquanto isso, a Polônia não sofreu a mesma influência da Rússia, deixando seu passado comunista para trás em pouco tempo, adotando uma abordagem de terapia de choque à regulamentação e privatização de estatais. Além disso, o país é visto pelo Banco Mundial como exemplo de reforma educacional na região.

A produção da Ucrânia, que tem o aço e produtos agrícolas entre suas principais exportações, caiu desde o final da União Soviética. Já a produção da Polónia subiu e hoje supera de longe a da Ucrânia, não obstante sua população menor. O crescimento da Polónia diminuiu recentemente, mas seu PIB per capita, US\$13 mil é aproximadamente 3,5 vezes maior que o da Ucrânia. (HAKIM, 2014)

Isto mostra que a população já vêm adotando o jeito de pensar europeu, e que os esforços para o desenvolvimento da política e economia ucranianas devem ser feitos através do estreitamento de laços com o ocidente, abandonando as relações com a Rússia. E para que estas mudanças ocorram, além da aproximação com o ocidente, é preciso resolver problemas pontuais internos, que segundo Pavlo Sheremeta¹³ citado por Hakim (2014), o primeiro problema é o excesso de regulamentação, o segundo é que os mercados ucranianos são monopolizados por pessoas e grupos politicamente influentes e em sua maioria corruptos. Essa é uma das razões pelas quais investidores estrangeiros não são bem recebidos e o terceiro problema, é o sistema judiciário ucraniano, que acaba engessando e assustando os investidores.

¹³ Economista e ex-ministro do Desenvolvimento Econômico nacional ucraniano. Pavlo renunciou ao cargo em setembro de 2014, que ocupava desde fevereiro deste ano. Foi fundador da Escola de Negócios da prestigiada universidade Kiev-Mogila e participou ativamente do protesto pró-europeu que colocou fim ao regime pró-russo de Viktor Yanukovich.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a independência da Ucrânia, a Rússia passa a negar sua existência como Estado autônomo, baseada na existência de uma nação eslava - que se constitui pela Rússia, Ucrânia e Belarus - supostamente construída pela Rússia, sendo assim, a Ucrânia é considerada como parte da Rússia sem direito à independência. Fato que corrobora isto é que 25% da população é de etnia russa, e 50% da população tenha o russo como primeira língua.

A Ucrânia por sua vez, busca abandonar os laços que têm com a Rússia a fim de se estabelecer cada vez mais como Estado independente e livre da influência russa. E este conflito entre ambos os países segue ultrapassando os setores econômicos, políticos, culturais e militares. Enquanto a Ucrânia vem procurando estreitar seus laços com a Europa ocidental e abandonar as relações com a Rússia, os russos veem a influência que a Europa e os Estados Unidos podem vir a exercer nestes Estados pós-soviéticos com a falta do prestígio russo nessas regiões.

A Rússia que saiu enfraquecida da dissolução do império soviético, viu na abundância de seus recursos energéticos uma ferramenta de estratégia na geopolítica internacional, o que foi essencial para sua reconstrução e fortalecimento do novo Estado. Entre os países da CEI, a utilização do gás e petróleo russo como meio de influenciar seus vizinhos, que são zona natural de influência russa é notável. A exemplo do caso do corte de gás natural para a Ucrânia em 2006 que revela como a Rússia tentou forçar a Ucrânia a aceitar o aumento do preço do gás como uma forma de punição política por ‘mover-se em direção ao oeste’ após a Revolução Laranja (MITROVA, 2008), e conseqüentemente, a Europa também sofreu com as restrições ao seu abastecimento normal de gás, sendo que maior parte do sistema de gasodutos que nutrem a Europa passavam pela Ucrânia.

Entretanto, percebendo a instabilidade política e social existente na região do leste europeu, a Rússia já vem investindo em novos gasodutos para levar os recursos até a Europa, enfraquecendo a relação de dependência que tinha com relação à Ucrânia.

A Revolução Laranja também tem muito a acrescentar sobre a fragmentação identitária que ocorre entre a população ucraniana e sobre sua situação política, pois esta fragmentação vem ocasionando desde sua independência, a dissolução e formação de novos gabinetes no governo, visto que é tarefa difícil construir um governo que consiga atender a grupos políticos com visões acerca da identidade e interesses nacionais tão diferentes e com forte postura. Mas isto também é reflexo do amadurecimento das instituições democráticas ucranianas, que vêm

lidando com esta disparidade através do revezamento de diferentes opiniões mediante as eleições, evidenciando que a Ucrânia está se livrando do autoritarismo político herdado dos tempos soviéticos (ADAM, 2008). Esta alternância de poder, pode ajudar a Ucrânia com relação ao apaziguamento da polarização política a longo prazo, fortalecendo o país como um todo.

A crise que vêm acontecendo na Ucrânia desde o fim de 2013 é apenas o resultado das rugas existentes entre ambos os países desde a dissolução da União Soviética, e a questão envolvendo a identidade de ambos os países é o fator central deste conflito, dividindo a Ucrânia ao meio entre Russos e Ucrânianos. Mesmo a questão do idioma, que antes era levada de forma harmoniosa onde cada um tinha seu espaço, atualmente virou questão de exclusão e preconceito, de modo que quem fala o ucraniano é visto com maus olhos pelos que tem o russo como idioma.

A anexação da Criméia à Rússia gerou muitas controvérsias, onde por um lado os russos que vivem na Ucrânia se viram ameaçados pelos radicais pró-Ucrânia, justificando a intervenção russa na Ucrânia, a fim de proteger sua população. E por outro lado os ucranianos agora se veem divididos e marginalizados, sem ter sua identidade e cultura ucraniana preservada e reconhecida.

As divisões existentes na política interna ucraniana beneficiam os interesses russos, de modo que o governo central vêm mostrando uma tendência a se afastar cada vez mais da hegemonia russa. Entretanto, esta porção da sociedade não é suficiente para tornar o país um aliado incondicional russo, abrindo espaço para que as potências ocidentais possam se imiscuir nos interesses internos e externos ucranianos. Assim, os fatores que fortalecem a manutenção da influência russa sobre a Ucrânia, são os que enfraquecem a posição ucraniana.

Por fim, o diálogo entre ambos os países é o único fator que pode conter esta crise que vem se alastrando e respingando no sistema internacional, entretanto, este diálogo já não acontece desde a declaração de independência da Ucrânia em 1991, o que pode levar esta situação a se arrastar por muito mais tempo, e o presente estudo concluiu que além a história de um país representar o elemento central no processo de formação da identidade nacional, a mesma se torna um ato de política externa.

APÊNDICE

A seguir constam depoimentos de jovens ucranianos colhidos pelo autor deste trabalho, com o objetivo de melhor ilustrar a situação atual da Ucrânia com relação ao conflito envolvendo a Rússia e a opinião da população jovem do país a respeito dos acontecimentos e do futuro das relações entre ambos os países.

Nome: Entrevistado 1

Idade: 21

Local: Kharkiv Ukraine

There was a definite invasion from the Russian side to Ukrainian territory. There were a lot of infringements during the "so called" referendum in Crimea (e.g. In the biggest city of the region - Sebastopol, the population is 384 ths. people (including those under 18), but somehow there were 414 ths. votes registered during the referendum;). I don't see any tendencies towards the improvement of Ukrainian-Russian relations and due to the fact that the oil prices are getting down Russia is about to face serious economic problems.

Nome: Entrevistado 2

Idade: 25

Local: Kharkiv, Ukraine

I think that Russian ruling politics are playing unfair game. Seems like all years of independence of Ukraine, Russia was trying to have control over Ukraine. We can see it from Russian-oriented Presidents that we used to have. As soon as Russia felt that it's losing control in Ukraine, they were trying to make some actions. It was happening during Orange revolution and nowadays. As soon as Russia totally lost their control of politics and economy in Ukraine, they started to make unbearable acts of aggression, trying to still Ukrainian territories. They were making a lot of propaganda in eastern parts of Ukraine and Crimea and their own country against Ukrainian unity. What happened in Crimea is totally illegal and was controlled by Russian government, though I must admit that in that area most of population is Russians, that's why they accepted such acts with pleasure. I can't say if I believe Crimea will come back to Ukraine or not, but according to all laws and rights it is Ukrainian. It may happen only when Russia will be stopped from invading our territories, and if Russian people will go against their government, which doesn't bring any development to Russia at all actually. It's well-known fact that Russia

is country of poverty and that most ppl except some cities are suffering from stupid government, it's place of corruption and violations of human rights. I do believe that this war situation will finish in April-May, and our country will get back it's territories and peace will be on our territories.

Nome: Entrevistado 3

Idade: 25

Local: Crimea, Ucrânia

Well, people here are just too tired to discuss it over and over and trying to live their lives on, so sometimes it is hard to get to know someones opinion.

Annexation of Crimea to my mind was absolutely wrong and now it makes some problems for people from Crimea who want to live in Ukraine. The thing is that crimeans in majority were happy to join Russia and that's sad.

I dont know what are the perspectives for relations between our contries, because russians just make it worse. They are supposed to be our 'brothers', though how they act and what they show on tv is just crazy. They think that we are neonacists, though we just want to live better and make our way closer to Europe.

But for Russia ukrainian territory has a significant meaning, so their government doesnt want to 'let us go', supporting the war on the east of Ukraine etc.

Of course not all russians are bad, we think that only people in government are retarded to make such conflicts, it is a war between corrupted structures that stayed from soviet union times.

Nome: Entrevistado 4

Idade: 33

Local: Kharkiv, Ucrânia

Russia is not right. They helped Ukrainians to unite and to increase their identity. But unfortunately the price of the identity rise is very high -- many people are killed and injured. I will never go to Russian Crimea, and I don't support Crimea citizens who wanted Crimea to be Russian. In the future relations between Ukraine and Russia will be very difficult.

Nome: Entrevistado 5

Idade: 20

Local: Sumy, Ucrânia

It is absolutely clear that Ukraine is an independent state and no one can just come, initiate

absolutely illegal elections and then annex our territory. I believe that Ukraine should not trust Russia and connect our trade, politics, economics etc. with this country. We have been connected for hundreds of years and all this time Russia only exploited Ukraine. It's time for change for Ukraine, time to focus on the west, time to develop our own identity and build a democratic state. The problem is that many people (especially old) nowadays still have got that soviet mindset and are not ready to change it, but all young people and most of adults believe in our good perspectives as a full member of. Ukrainians don't want to be related to USSR or Russia anymore, Ukrainian people have european mindset and right now we put a lot of efforts to develop our country.

Nome: Entrevistado 6

Idade: 24

Local: Ukraine, Kyiv

View of the situation that we have now in Ukraine:

- now we have a war in the country (each day at least 1 person die)
- we cant observe the situation objectively: russian TV - lie too often, ukrainian sometimes also provides with not correct facts
- we have situation when: people who speak Ukrainian language can't come to Donetsk Republic (now autonomic part of Ukraine), because they 80% will be starved by other people and probably taken in captivity.

In the other hand, if people who support DonRepublic come to other regions of Ukraine - there is almost no danger for such person. Such person can aloud say his/her politic opinion

- also I think such situation arised because of russian informational propaganda and indirect country mngt through the presidents (from Kravchuk till Yanukovich , except Ushchenko – all of them weren't able to grow and develop the country - just compare with Poland, which broke relationships with Russian Impire 20 years ago - 20 years ago they have the same state as we are that time, but now difference between Ukraine and Poland so much visible) – and about population: historically we had the situation on Donbass (Im originally from Donbass) when there were tranfered a lot of prisoners in Stalin's time to work at mines therefore sitll in this region more criminal than in other Ukrainian regions. Usually its dangerous to go home in the evening.+ 70% o population there works at plants, factories, mines - it means that people ther live with fear, with low salary, and they see most of the time of their lives: factory, home, eating, drinking, factory, home... than what kind of activity you can expect from them? for sure they dont have time and desire to read more different sources about the situation and analyze it.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Gabriel Pessin. **A Economização da Política Externa Russa**. In: I Fórum Brasileiro de Pós-Graduação em Ciencia Política. Belo Horizonte, 2009.
- ADAM, Gabriel Pessin. **As Relações entre Rússia, Ucrânia e Belarus e o papel que nelas exercem os Recursos Energéticos**. Dissertação de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Porto Alegre, 2008.
- BALMACEDA, Margarita Mercedes. **Gas, oil and the linkages between domestic and foreign policies: the case of Ukraine**. Europe-Asia Studies, 1998.
- BBC MUNDO. **A Europa conseguiria viver sem o gás russo?** Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/03/140328_alternativas_europa_gas_rb>. Acesso em: 31, out, 2014
- BARROSO, Durão. 2014. —**Address by President Barroso at the Opening of the Milan General Assembly**. <http://europa.eu/rapid/press-release_SPEECH-13-1043_pt.htm?locale=en>. Acesso em: 12, nov. 2014.
- CLARKE, D. 1992. **Transfer of Nukes from Ukraine Resumed**. *Daily report, RFE/RL*, 21 de abril. Disponível em <<http://www.friends-partners.org/friends/news/omri/1992/04/920421.html>>. Acesso em: 12, nov. 2014
- EDLER, Daniel. **Identidade, Política Externa e os Discursos sobre História na Ucrânia**. III Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais, São Paulo, 2011.
- EDLER, Daniel. 2014. **A má escolha de Yanukovich**. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/33724/a+ma+escolha+de+yanukovich.shtml>>. Acesso em: 05, nov, 2014.
- FRIEDMAN, Jonathan. **Myth, History and Political Identity**. *Cultural Anthropology*. Vol. 7, No. 2, 1992.
- G1. **Entenda a crise na Ucrânia**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/12/entenda-os-protestos-na-ucrania.html>>. Acesso em: 07, out, 2014
- GARCIA, Camila Lumertz. **A influência dos recursos energéticos russos nas suas relações exteriores contemporâneas com a Europa**. 2010. TCC (Graduação) - Curso de Relações

Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

GAZPROM, Gazprom Annual Report 2008. Moscou, maio/2009. Disponível em: <http://www.gazprom.com/f/posts/91/388785/ar_eng_2008.pdf>. Acesso em: 18, set, 2014

GORBACHEV, **O mundo está a beira de uma nova guerra fria**. Globo, 2014 . Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/o-mundo-esta-beira-de-uma-nova-guerra-fria-diz-gorbachev-14509504?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O+Globo>. Acesso em: 12, nov, 2014

HAKIM, Danny. **Análise: Ucrânia gostaria de ser um pouco mais como a Polônia**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/03/1425454-analise-ucrania-gostaria-de-ser-um-pouco-mais-como-a-polonia.shtml>>. Acesso em: 26, nov. 2014.

HINGLEY, Ronald. **Russia: A Concise History**. London, Thames e Hudson, 2003.

JANMAAT, J.G. “The ‘Ethnic Other’ in Ukrainian History Textbooks: The Case of Russia and the Russians”. *Compare: a Journal of Comparative Education*. Vol. 37, No 3, pp 307-324, 2007.

KLARE, Michael. **Blood and Oil**. Holt Paperbacks; 2nd Printing edition. 14 julho 2005.

_____. **The new geography of conflict**. *Foreign Affairs*, 80(3), p. 49-61, 2001.

_____. **Resource wars: The New Landscape os Global Conflict**. Metropolitan Books; 1st edition. 17 maio de 2001.

KUZIO, Taras. “National Identity and History Writing in Ukraine”. **Nationalities Papers**. Vol. 34, No. 4, September, (2006).

KUZIO, Taras. “Nation-Building, History Writing and Competition over the Legacy of Kyiv Rus in Ukraine”. **Nationalities Papers**. Vol. 33, No. 1, March, 2005.

KUZIO, Taras. “History, Memory and Nation Building in the Post-Soviet Colonial Space”. **Nationalities Papers**. Vol. 30, No. 2, 2002.

MEDVEDEV, Dmitri. **Go Russia!** Moscou: President of Russia Official Web Portal, 2009.

MIELNICZUK, Fabiano. **A Identidade como Fonte de Conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS**. In: *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro, vol. 28, nº1, janeiro-junho/2006.

_____. **A Identidade como Fonte de Conflito: A Relação entre Ucrânia e Rússia no pós-Guerra Fria**. Dissertação de Mestrado, IRI/PUC-Rio, 2004.

_____. A crise ucraniana e suas implicações par a as relações internacionais. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 5, n. 23, p.4-19, 05/06 2014.

MIHALISKO, K. 1992. **Kravchuk Reacts**. *Daily report, RFE/RL*, 8 de abril. Disponível em <<http://www.friends-partners.org/friends/news/omri/1992/04/920408.html>>. Acesso em: 12, nov. 2014.

MITROVA, Tatiana. “**Gazprom’s Perspective on International Markets**”. In: *Russian Analytical Digest*. Moscow, n.41, maio/2008.

NASCIMENTO, Flávio Augusto Lira. **Federação Russa e OTAN: Uma Análise das Políticas de Moscou em Relação à Aliança Ocidental**. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Mestrado em Relações Internacionais, Unesp – Unicamp – PUC/SP, São Paulo, 2008.

PADRÃO, Isaltina. **UE impôs sanções dissimuladas após suspensão de gasoduto**. Disponível em: <http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=3963212&seccao=Europa>. Acesso em: 12, nov, 2014

PEIXOTO, Daniel et al. **A problematização da relação Rússia–OTAN: Dois pesos iguais no sistema?** *Cadernos de Relações Internacionais*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.1-23, nov. 2012

POUSSENKOVA, Nina. “**Gazprom and Russia’s Great Eastern Pipe-Dreams**”. In *Russian Analytical Digest*. Moscow, n. 58, abril/2009.

PUTIN, Vladimir. **Mineral Resources in the Strategy for development of the Russian Economy. Problems of Post Comunism**. Washington, v. 53, nº1, jan-feb, 2006.

RUMER, E. (1994), **Will Ukraine Return to Russia?**. *Foreign Policy*, no 96, pp.129-145.

SASAKI, Fábio. **A UCRÂNIA SOB FOGO CRUZADO**. Disponível em: <<https://almanaque.abril.com.br/materia/a-ucrania-sob-fogo-cruzado>>. Acesso em: 19, nov, 2014.

SATZEWICH, Vic, 2003. **The Ukranian Diaspora**, Global Diasporas Collection, Routledge

SHEEHY, A. .1991. **Ukrainian Presidential Aide Sees Commonwealth as Temporary**. *Daily report, RFE/RL*, 18 de dezembro. Disponível em <<http://www.friends-partners.org/friends/news/omri/1991/12/911218.html>>. Acesso em: 14, nov. 2014

SHOTTER, James. 2014. Four-way talks end with agreement on calming Ukraine tensions. **Financial Times**, 18 de abril. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/65ab2f3c-c650->

11e3-ba0e-00144feabdc0.html#axzz309hNaqz8>. Acesso em: 12, nov. 2014

SOLCHANYK, R. 1991. “**Kravchuk Inaugurated Ukrainian President**”. *Daily report, RFE/RL*, 6 de dezembro. Disponível em <<http://www.friends-partners.org/friends/news/omri/1991/12/911206.html>>. Acesso em: 12, nov. 2014

TOLZ, V. 2002. “**Rethinking Russian-Ukrainian Relations: A New Trend in Nation-building in Post communist Russia?**”. *Nations and Nationalism*, vol. 8, no 2, p. 238.

TULETT, Simon. **Crise na Ucrânia faz disparar preço de gás na Europa**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/03/140304_gas_russia_vale_kw>. Acesso em: 06, nov, 2014

TSYGANKOV, Andrei P. **Russia’s Foreign policy: change and continuity in national identity**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2006.

UNITED NATIONS ECONOMIC COMMISSION FOR EUROPE (UNECE). **Emerging Global Energy Security Risks**. In: ECE Energy Series, nº 36. Genebra: United Nations Publications, 2007.

VIANNA, Alexander Martins. **Russificação Soviética e Pós-soviética: Autoridade Política e Etnicidade, 1917-1997**. Revista Cantareira, Niterói, n. 2, p.1-10.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WILSON, Andrew. **The Ukrainians: Unexpected Nation**. Yale University Press, New Haven and London, 2000.

_____. **The Ukrainians: Unexpected Nation**. New Haven: Yale Nota Bene, 2002.

_____. **Ukraine’s Orange Revolution**. London: Yale University Press, 2005.